

**EDUCAÇÃO FÍSICA NA FUNDAÇÃO ESTADUAL DO
BEM-ESTAR DO MENOR - FEBEM/SP:**

Uma análise da proposta de 1992 a 1994 segundo os discursos
dos professores

Dissertação de Mestrado apresentada à
Faculdade de Educação Física da
Universidade Estadual de Campinas, como
requisito para obtenção do título de Mestre
em Educação Física.

Orientadora: Prof^a Dr^a Silvana Venâncio

Campinas, 1997



808145

N.º CHAMADA:	
T/Unicamp	
An. 24e	
V.	Ex.
TOMBO BC/ 33153	
PROC. 395/98	
C	D
PRECIO R\$ 11,00	Y
DATA 26/03/98	
N.º CPD	

CM-00107143-0

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA - FEF- UNICAMP

An24e Andrade, Marcelo Pereira de
Educação Física na Fundação Estadual do Bem - Estar Menor - FEBEM/SP: uma análise da proposta de 1992 a 1994 segundo o discurso dos professores / Marcelo Pereira de Andrade. Campinas, SP: [s.n.], 1997.

Orientador: Silvana Venâncio
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

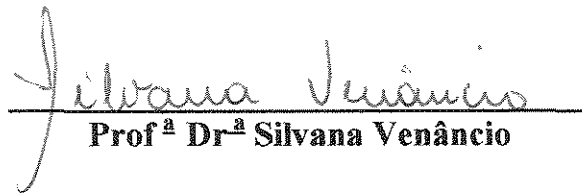
1. Educação Física para crianças. 2. Educação Física para adolescentes. 3. Fundação Estadual do Menor (SP). 4. Delinquentes. I. Venâncio, Silvana. II Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

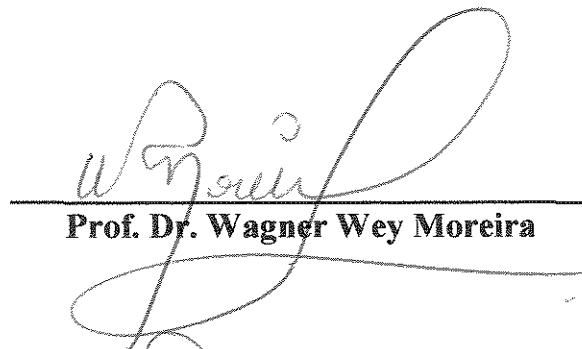
Este exemplar corresponde a redação final da
Dissertação defendida por Marcelo Pereira de
Andrade e aprovada pela Comissão Julgadora em 22
de setembro de 1997.

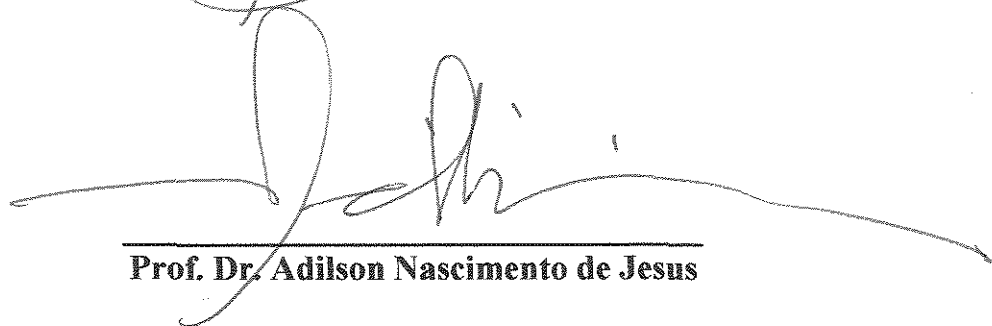
Data: 9 de fevereiro de 1998

Assinatura: Jilviana Senâncio

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Silvana Venâncio


Prof. Dr. Wagner Wey Moreira


Prof. Dr. Adilson Nascimento de Jesus

Dedico este trabalho à minha querida avó Maria Conceição Pereira (em memória), minha melhor amiga e incentivadora, sempre presente nos momentos difíceis.

À Miralva Pereira de Andrade, além de mãe um pai, que lutou pela minha formação enquanto homem e profissional, e mesmo quando negligente como filho, nas muitas vezes que me desesperei, sempre esteve próxima incentivando e auxiliando na resolução dos problemas.

Às minhas irmãs, Cláudia e Alessandra, que sempre zelaram pelo meu bem-estar.

À Bruna Pereira de Assis, minha querida sobrinha que encheu minha vida de alegria, num momento em que tudo parecia triste.

AGRADECIMENTOS

À Prof.^a Dr.^a Silvana Venâncio, mais que uma orientadora, uma amiga, que se preocupou não somente em orientar, mas em ouvir, aconselhar e repartir sua sabedoria de vida, mostrando em vários momentos a importância de sorrir, chorar e amar.

Aos Profs. Dr. Wagner Wey Moreira, Dr. Adilson Nascimento de Jesus e Dr. Carlos França, pela participação e colaboração na banca de qualificação.

Ao Prof. Dr. Edson Claro, pelo incentivo no mundo acadêmico.

Aos amigos de Pós - Graduação Ricardo Uvinha, Edmur Stoppa e Janísio (Santista), pelo companherismo e troca de experiências.

Aos amigos de graduação, Adenilton Pereira de Souza (Dena), Rhomy Guimel Pereira, Márcia Cristina, Débora Cristina, Emersosn Pereira, Flávio, Edsosn (Patinho) e Joelma de Sousa, pela preocupação, paciência e incentivo.

Aos amigos da Vila Formosa, Ricardo, Miri, Cesar, Marcelo, Silvio, Nil, Wilson, Robson (em memória) e Toninho, mesmo distante sempre senti todos próximos.

Aos professores da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor - FEBEM-SP, os quais possibilitaram-me um valioso aprendizado.

Aos amigos Victor Andrade Melo, Patrícia Dini, Rosana Evangelista da Cruz, Norma e Luiz Henrique, pelo companheirismo no início do mestrado.

A Deus, mentor e amigo sempre presente, responsável pela minha esperança de um mundo melhor, onde espero, crianças e adolescentes sejam respeitados protegidos, para que instituições como a FEBEM/SP deixem de existir.

SUMÁRIO

RESUMO.....	8
ABSTRACT.....	9
INTRODUÇÃO.....	10

CAPÍTULO I

1.O SURGIMENTO DA FEBEM/SP.....	13
1.1 A HISTÓRIA DA FEBEM/SP.....	13
1.2 ORGANIZAÇÃO DA FEBEM/SP.....	17
1.3 A RESPONSABILIDADE DA FEBEM/SP.....	23
1.4 AS UNIDADES EDUCACIONAIS.....	24
1.5 O DIRETORES DE DIVISÃO E UNIDADE.....	25
1.6 A RELAÇÃO ENTRE AS DIVISÕES TÉCNICAS.....	26

CAPÍTULO II

2. O UNIVERSO DO ADOLESCENTE INFRATOR.....	29
2.1 MENOR NÃO! ADOLESCENTE!.....	29
2.2 A TRAJETÓRIA DO ADOLESCENTE ANTES DA FEBEM/SP.....	32
2.3 A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO ADOLESCENTE.....	34
2.4 A VIDA INSTITUCIONAL DO ADOLESCENTE.....	36

CAPÍTULO III

3. A EDUCAÇÃO FÍSICA NA FEBEM/SP.....	38
3.1 A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA FEBEM/SP.....	38
3.2 A EDUCAÇÃO FÍSICA DE 1992 A 1994.....	40

CAPÍTULO IV

4. METODOLOGIA.....	47
4.1 O CAMINHO METODOLÓGICO.....	47
4.2 DESCRIÇÃO METODOLÓGICA.....	49
4.3 AS ENTREVISTAS.....	52
4.4 QUADRO DAS SÍNTESES DAS UNIDADES TRANSFORMADAS.....	95

CAPÍTULO V

5. ANÁLISE DAS SÍNTESES DAS UNIDADES TRANSFORMADAS.....	99
5.1 PLANEJAMENTO E EFETIVAÇÃO DA PROPOSTA.....	99
5.2 MUDANÇAS E CONFLITOS.....	102
5.3 LIMITAÇÃO DOS PROFESSORES E ADOLESCENTES.....	104
5.4 INTERFERÊNCIA FUNCIONAL E POLÍTICA.....	106
5.5 REFLEXÕES.....	109
CONCLUSÃO.....	112
ANEXOS.....	115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	125

Nas décadas de 80 e 90 foram desenvolvidos estudos sobre a importância da Educação Física na sociedade. Porém, poucos foram os relatos sobre a inserção e atuação dos professores de Educação Física em grupos sociais (atividades fora da escola). O presente estudo tem como objetivo analisar a proposta de Educação Física implantada no período de 1992 a 1994 na Fundação do Bem-Estar do Menor em São Paulo - FEBEM/SP, responsável pelo internamento de adolescentes infratores. Como instrumento de investigação, foi utilizada a técnica análise do fenômeno situado, que possibilitou interpretar três discursos de professores de Educação Física que atuaram na FEBEM/SP no período de 1992 a 1994. Com a análise dos discursos foram estruturadas cinco Sínteses das Unidades Transformadas, as quais possibilitaram a compreensão da proposta de Educação Física de 1992 a 1994.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física
FEBEM/SP
Proposta Curricular

In the 80's and 90's emerge study above the importance of the Physical Education in the society. But, little narration above approximation of the teachers Physical Education in the society. The purpose of this study analysis of the proposal of Physical Education in the period of 1992/1994 in the FEBEM/SP (boarding-school of delinquent adolescents). How instrument of investigation, utilized the technics analysis situated phenomenon, which possible interpret three discourses of the teachers Physical Education of the FEBEM/SP. With the analysis of the discourses, emerge five synthesis of transform units, which possible the understanding of the proposal of Physical Education of 1992/1994.

KEY-WORDS: Physical Education
FEBEM/SP
Curriculum of Proposal

INTRODUÇÃO

O presente estudo é uma análise da Proposta de Educação Física da Fundação do Bem-Estar do Menor de São Paulo - FEBEM/SP - Complexo Quadrilátero Tatuapé, responsável pela internação de adolescentes infratores com idade entre 12 e 18 anos. O interesse por tal estudo ocorreu-me, ainda graduando, quando buscava esclarecer qual era a inserção da Educação Física na sociedade.

Durante algum tempo estudei propostas de Educação Física nas comunidades de baixa renda da cidade de São Paulo. Os primeiros apontamentos levaram-me a discutir com colegas de graduação a importância do Estado viabilizar e apoiar os trabalhos comunitários. Meus ideais, enquanto graduando, estavam ligados ao movimento estudantil, no qual via a possibilidade de melhorar a sociedade.

Numa dessas caminhadas, ao analisar o manual do curso de Licenciatura em Educação Física de uma Universidade, chamou-me a atenção o item sobre o campo de atuação do futuro profissional de Educação Física, que citava o sistema penitenciário para adultos e adolescentes como possibilidade de atuação.

Na busca de propostas de Educação Física para instituições penais, fiz um levantamento bibliográfico, sem conseguir um referencial teórico.

Em 1992, tomei conhecimento da proposta de Educação Física desenvolvida na Fundação do Bem Estar do Menor de São Paulo-FEBEM/SP. A proposta educacional da FEBEM/SP foi elaborada em 1992, seguindo as diretrizes do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, que modificou a forma de atendimento para os adolescentes infratores internados em entidades denominadas educacionais.

Em 1993, interessado por tal possibilidade de atuação, ingressei no quadro de professores da FEBEM/SP, onde pude conhecer o dia-a-dia dos professores de Educação Física, resultando no desenvolvimento do presente estudo.

A análise da Proposta de Educação Física foi estruturada a partir dos discursos de três professores que atuaram no período de 1992 a 1994.

Este estudo justifica-se pela necessidade da análise de propostas de Educação Física em entidades como a FEBEM/SP, uma vez que existe a carência de bibliografias que abordem esta questão.

A pesquisa é qualitativa, iniciada em 1993, teve como ponto de partida o levantamento de documentos sobre a FEBEM/SP e sobre o surgimento da Educação Física nesta instituição. A localização dos documentos foi dificultada, por não existir a catalogação e preservação dos mesmos na FEBEM/SP. Entre outros fatores, que contribuíram para a má preservação dos documentos, está a rebelião de outubro de 1992, que resultou em um incêndio que inutilizou e danificou vários arquivos da instituição.

Para conseguir cópias de documentos ligados a FEBEM/SP, foi necessário procurar órgãos governamentais e não-governamentais ligados à questão da criança e adolescente.

O levantamento documental possibilitou a estruturação do Capítulo I, que traça o surgimento da FEBEM/SP e as mudanças pelas quais passou, desde sua criação na década de 70 até a década de 90.

O Capítulo II aborda a questão do adolescente institucionalizado, traçando sua história antes e depois da internação, ao mesmo tempo que, expõe como foi tratado nas políticas públicas de atendimento à criança e adolescente no Brasil.

O Capítulo III volta-se para o surgimento da Educação Física na Fundação na década de 70, e as alterações das propostas desse atendimento até o início da década de 90.

O Capítulo IV apresenta o caminho metodológico da pesquisa, que teve como recurso metodológico a técnica da Análise da Estrutura do Fenômeno Situado para o tratamento dos discursos dos três sujeitos da pesquisa.

O Capítulo V traz a análise das sínteses das unidades transformadas, estruturadas a partir dos discursos dos sujeitos.

E finalmente, a conclusão da pesquisa, na qual participo como sujeito que vivenciou o fenômeno.

CAPÍTULO I

1. O SURGIMENTO DA FEBEM/SP

1.1 A HISTÓRIA DA FEBEM/SP

Após o Golpe Militar de 1964, os membros da Escola Superior de Guerra- ESG, voltaram suas atenções para situação do menor¹ no Brasil. Consideraram que com a discussão de tal problema, seria possível melhorar o atendimento à criança e ao adolescente no território nacional. Os estudiosos da ESG apontaram a família como a responsável pela situação de risco do menor. A partir das conclusões da ESG, foi criada pela lei nº 4.513, de 1 de dezembro de 1964, a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor - FUNABEM. (Basílio, 1985, p.47-60)

A FUNABEM substituiu o Serviço de Assistência ao Menor - SAM, criado em 05 de novembro de 1941, no Rio de Janeiro na ditadura Vargas. Estava subordinado ao governo federal e vinculado ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Durante seus 23 anos de existência, o SAM no Rio de Janeiro passou de herói a vilão, foi criticado por vários segmentos da sociedade por suas práticas cruéis, desumanas e más condições de suas instalações; era conhecido como escola do crime. O SAM não conseguiu desenvolver uma política que atendesse as crianças e adolescentes no Brasil. (Earp, 1996, p.34-35)

A FUNABEM tinha a responsabilidade de elaborar e implantar uma nova política de atendimento a criança e adolescentes no Brasil. Através dos estudos desenvolvidos por técnicos da FUNABEM sobre a situação e atendimento do menor no

¹ O termo "menor" refere-se à criança e ao adolescente.

Brasil, foi elaborada a Política Nacional do Bem-Estar do Menor, apresentada em setembro de 1965. A FUNABEM previa a criação de instituições congêneres em todos Estados, chamadas de Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor - FEBEM. (Basílio, 1985, p.47; Earp, 1996, p. 55 - 57; Pasetti, 1991, p.151)

O Centro Piloto de Quintino, no Rio de Janeiro, uma das instalações herdadas pela FUNABEM do antigo SAM, passou por reformas e serviu de modelo para os demais Estados. (Basílio, op. cit., p.58)

Os resultados da FUNABEM eram apresentados aos representantes dos Estados através de cursos e encontros promovidos por técnicos da FUNABEM. O Centro de Estudos e Desenvolvimento de Pessoal Milton Campos - CEDEP (RJ) era o órgão da FUNABEM responsável pela divulgação e promoção de cursos para estagiários e técnicos (professores, psicólogos, médicos, assistentes sociais, educadores e inspetores) que deveriam assumir trabalhos com adolescentes nas FEBEMs. O curso deveria levar os profissionais a compreender a situação do menor no país e os conceitos utilizados pelos técnicos do CEDEP foram influenciados pelos estudos da ESG. (Earp, op. cit., p.60)

O Estado de São Paulo não optou pela criação de uma FEBEM, mesmo com a apresentação da Política Nacional do Bem-Estar do Menor, contrariando as expectativas da FUNABEM. No governo Laudo Natel, através da lei nº 185, de 12 de dezembro de 1973, foi criada a Fundação Paulista de Promoção Social do Menor - Pró-Menor, substituindo o programa chamado de Recolhimento Provisório de Menores - RPM criado pela lei nº 2.075, de 23 de julho de 1954, responsável pelo abrigo dos adolescentes infratores com faixa etária entre 14 e 18 anos.(Pasetti, op. cit., p.165)

A Fundação Pró - Menor tinha a função de desenvolver e assegurar no Estado de São Paulo a Política Nacional do Bem-Estar do Menor. Esteve ligada à Secretaria de Negócios da Justiça até 1975, quando foi vinculada à Secretaria da Promoção Social. (Violante, 1984, p.16)

No governo de Paulo Eugydio Martins, a lei nº 985, de 26 de abril de 1976 alterou a denominação de Pró-Menor para Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor - FEBEM/SP.(Violante, 1984, p.49)

Neste período, quem ocupou o cargo de Secretário da Promoção Social foi um dos idealizadores e articulador da Política Nacional do Bem-Estar do Menor, o pediatra Mário Altenfelder. O Secretário Altenfelder criticou o atraso da implantação da FEBEM em São Paulo. Considerou que nas tentativas anteriores não houve sucesso, por ser ignorada a experiência da FUNABEM, e enfatizou que o mérito do controle da situação no Estado de São Paulo deveria ser atribuído ao 14º Batalhão de Polícia Militar, responsável pelo RPM.

“ ... deve-se aos bravos integrantes da Polícia Militar o controle de uma situação que seria explosiva em quaisquer outras mãos. Eles agüentaram por todos nós, uma responsabilidade imensa que era apenas parcialmente deles. A Polícia Militar junta-se a nós para a realização de um trabalho integrado que devolverá a essa corporação seu papel promocional do menor, e não a manutenção da falsa qualidade carcerária pois o RPM, um local já por si insuficiente para conter 120 menores, recolhe hoje mais de 500 em condições que adjetivos não descrevem, mas o coração sente. Centenas de jovens padecem ali do desconforto, da falta de educação técnica, do uso do lazer, do direito à possível privacidade que qualquer ser humano reclama como imperiosa. Maltrapilhos, tristonhos, infelizes, chorosos, agressivos, encontram-se centenas de menores que recebem exóticos apelidos para disfarçar a realidade de que nós, a sociedade inteira, somos cúmplices e que gerou esses produtos do desamparo, do desamor e da miséria”. (Altenfelder apud Passeti, op. cit., p.166)

Com a contratação de funcionários e pessoal técnico para área de educação ainda na antiga Fundação Pró - Menor, a Polícia Militar deixou de ser a responsável pelo trabalho desenvolvido com as crianças e adolescentes.

Em 1996, Basílio disse que a FEBEM/SP seguiu os moldes teóricos da FUNABEM, mas não recebeu ajuda financeira, como aconteceu com as FEBEMs de outros Estados, por ser considerado rico o Estado de São Paulo (informação verbal).

No dia 29 de abril de 1975, foi instalada pela Câmara dos Deputados a Comissão Parlamentar de Inquerito - CPI do Menor Abandonado, destinada a investigar o problema do menor carente no Brasil. O relatório final da CPI foi apresentado em 01 de abril de 1976 (vinte e cinco dias antes da mudança de nomenclatura da Fundação Pró-Menor para Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor de São Paulo - FEBEM/SP). Neste relatório foram indicadas mudanças na FUNABEM e suas congêneres estaduais (FEBEMs), que deveriam ser reorganizadas para melhorar o atendimento a criança e adolescente.

A FEBEM foi criada em São Paulo, em meio ao descrédito da FUNABEM e FEBEMs, que segundo a CPI de 1976, não estavam obtendo bons resultados.

A FEBEM/SP em 1990, na gestão do governador Orestes Quécia deixou de ser subordinada à Secretaria de Promoção Social e passou a ser vinculada à Secretaria do Menor. Na gestão do governador Luís Antônio Fleury Filho, foi alterada pelo decreto nº 36454, de 10 de janeiro de 1993, a denominação de Secretaria do Menor para Secretaria da Criança, Família e Bem-Estar Social. (Secretaria da Criança, Família e Bem-Estar Social, 1994, p.79-89)

1.2 ORGANIZAÇÃO DA FEBEM/SP

Para melhor compreensão da estrutura da FEBEM/SP, seguem algumas explicações sobre seus órgãos.

O responsável pela Fundação é o seu Presidente, cargo atribuído pelo secretário da Secretaria da Criança, Família e Bem-Estar Social.

Segundo o relatório de atividades da FEBEM/SP (1991, p.18), os objetivos da Presidência eram:

- “ - Superintender as atividades técnicas, administrativas e financeiras da Fundação.*
- Representar ativa e passivamente a Fundação, em juízo ou fora dele.*
- Organizar, promover e incentivar programas que objetivem a participação apoio e contribuições das comunidades fora o desenvolvimento de atividades da Fundação.*
- Cumprir e fazer cumprir as normas estatutárias, regimentais e regulamentares, bem assim as deliberações do Conselho Estadual do Bem Estar do Menor.”*

O Presidente da Fundação estava subordinado ao Conselho Fiscal que fiscalizava o orçamento e a administração e ao Conselho Estadual do Bem-Estar do Menor, ao qual deveria notificar e prestar esclarecimentos sobre o atendimento dos adolescentes e planejamento orçamentário. Abaixo da Presidência ou Gabinete da Presidência - GP, existiam os órgãos de assessoramento (IBID):

- “- Chefia de Gabinete,*
- Assessoria Jurídica,*
- Assessoria de Planejamento,*

- . *Supervisão de Organização e Métodos,*
- . *Supervisão de Auditoria Interna*

- *Assessoria de Comunicação Social*
- *Assessoria de Eventos, Doações e Promoções*
- *Diretoria Executiva*
 - . *Diretoria Técnica*
 - . *Diretoria Administrativa”*

Neste estudo serão abordados os órgãos ligados a proposta educacional desenvolvida no Complexo Quadrilátero. Esses órgãos estavam subordinados à Presidência. Um deles era o Gabinete de Divisão Técnica - GDT. O GDT tinha como objetivos (ibid, p.75):

- “- *Cumprir e fazer cumprir as determinações do Presidente e responder pela execução das atividades fim da Fundação.*
- *Planejar e executar programas de proteção e sócio-educativos destinados às crianças e adolescentes internados na Fundação.”*

Para desenvolver estes objetivos e programas, o GDT contava com as seguintes divisões (ibid, p. 76-114):

- Divisão de Atendimento à Criança e Adolescente - DT-2.
- **Divisão Técnica - 3 - DT-3.**
- **Divisão de Desenvolvimento de Menores - 4 - DT-4.**
- Divisão de Saúde - DT - 5.
- Divisão de Apoio ao Menor na Comunidade - DT - 6.
- Seção de Cadastro de Menores - S.C.M.

As Divisões Técnicas 3 e 4 serão analisadas, por serem responsáveis pela implantação e viabilização da proposta educacional para os adolescentes internados no Quadrilátero².

A DT-3 tinha sua atuação voltada para o atendimento dos adolescentes na faixa etária de 12 a 18 anos no cumprimento de medidas sócio-educativas em regime de internação ou de semi-liberdade. Era responsabilidade da DT-3 a administração das Unidades Educacionais e do quadro de funcionários de todas as Unidades Educacionais compostas por diretor de Unidade Educacional, funcionários administrativos, psicólogos e assistentes sociais, coordenadores da monitoria, monitores, cozinheiras e serventes.

A Unidade Educacional na prática era responsável pela segurança e providências a serem tomadas para reintegração do adolescente na sociedade.

A DT- 4, responsável pelo desenvolvimento de programas escolares e profissionalizantes para adolescentes internados nas Unidades Educacionais do Quadrilátero, tinha seu quadro de funcionários composto por professores com formação nas áreas de Pedagogia, Técnica (profissionalizante), Cultura e Educação Física.

Para descentralizar e melhorar o desenvolvimento das propostas das diferentes áreas, foram criadas, no Quadrilátero, 5 Unidades de Desenvolvimento do Menor - UDMs, subordinadas a DT-4.

A UDM-1, responsável pelo desenvolvimento escolar do interno, respondendo a 5ª Delegacia de Ensino da Capital, tinha como tarefa a alfabetização e continuidade escolar do adolescente, conforme seu histórico antes da internação.

A UDM-2, responsável pela formação profissional do interno oferecia cursos profissionalizantes como: mecânica de automóveis, funilaria e pintura de automóveis,

² O Complexo Quarilátero localiza-se na Av. Celso Garcia - Tatuapé - São Paulo/SP.

silk-screen, pintor-letrista e outros cursos, todos voltados para a profissionalização do interno com a finalidade de reintegrá-lo a sociedade após a desinternação.

A UDM-3, responsável pela Educação Física e esporte (escolas de esporte, torneios, campeonatos e realização de jogos amistosos com entidades esportivas e comunidade) na Fundação, era considerada uma área complementar da UDM-1.

A UDM-4, responsável pelas propostas de arte-educação com os adolescentes, envolvia: artes cênicas, artes plásticas e música.

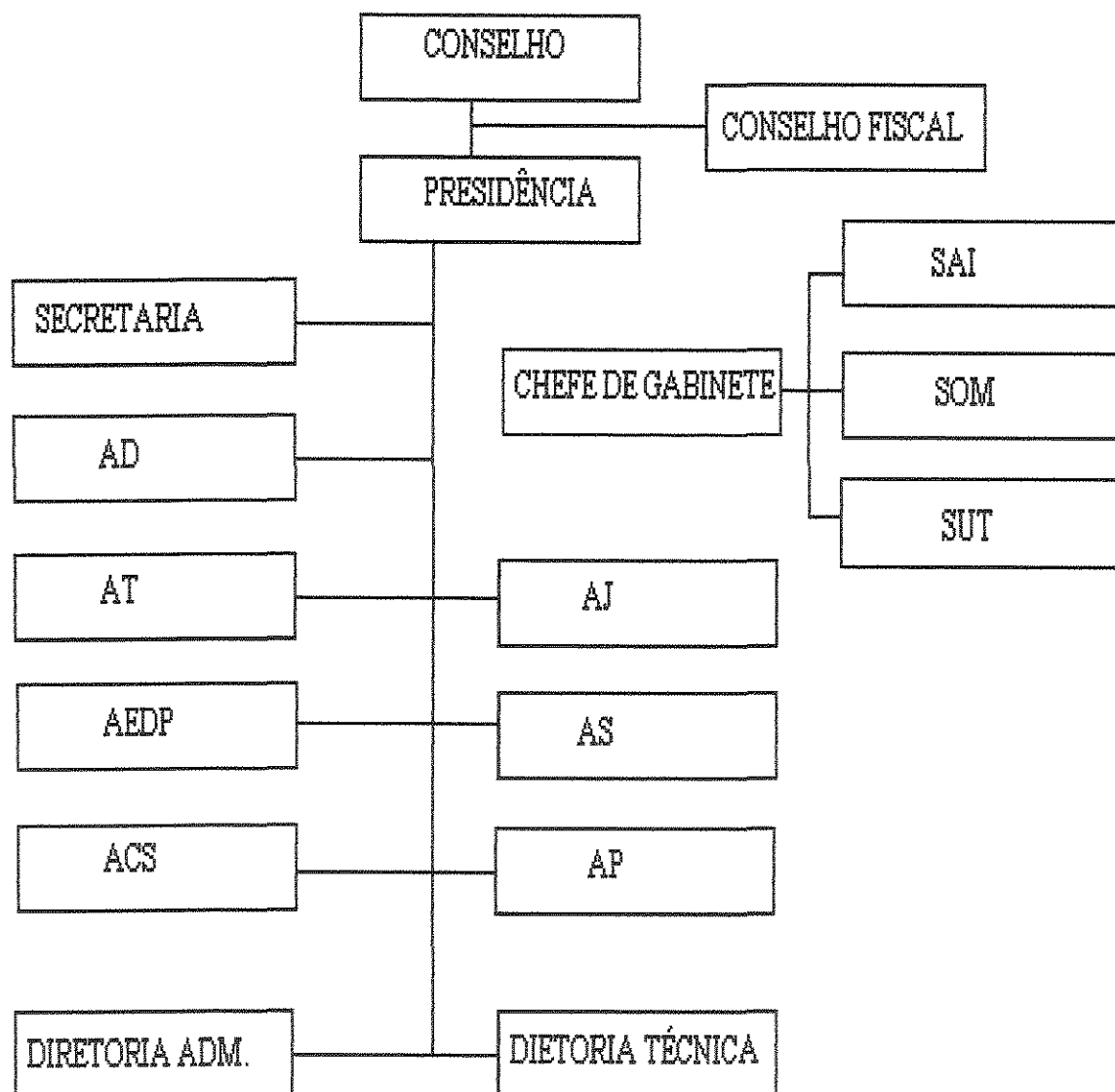
Estavam lotados na UDM-5 os profissionais de todas as UDMs e esta servia como Unidade avançada de Desenvolvimento, em Unidades localizadas fora do Complexo Quadrilátero.

ORGANOGRAMA FEBEM/SP - 1992/1994
FONTE: SUPERVISÃO E MÉTODOS - SOM

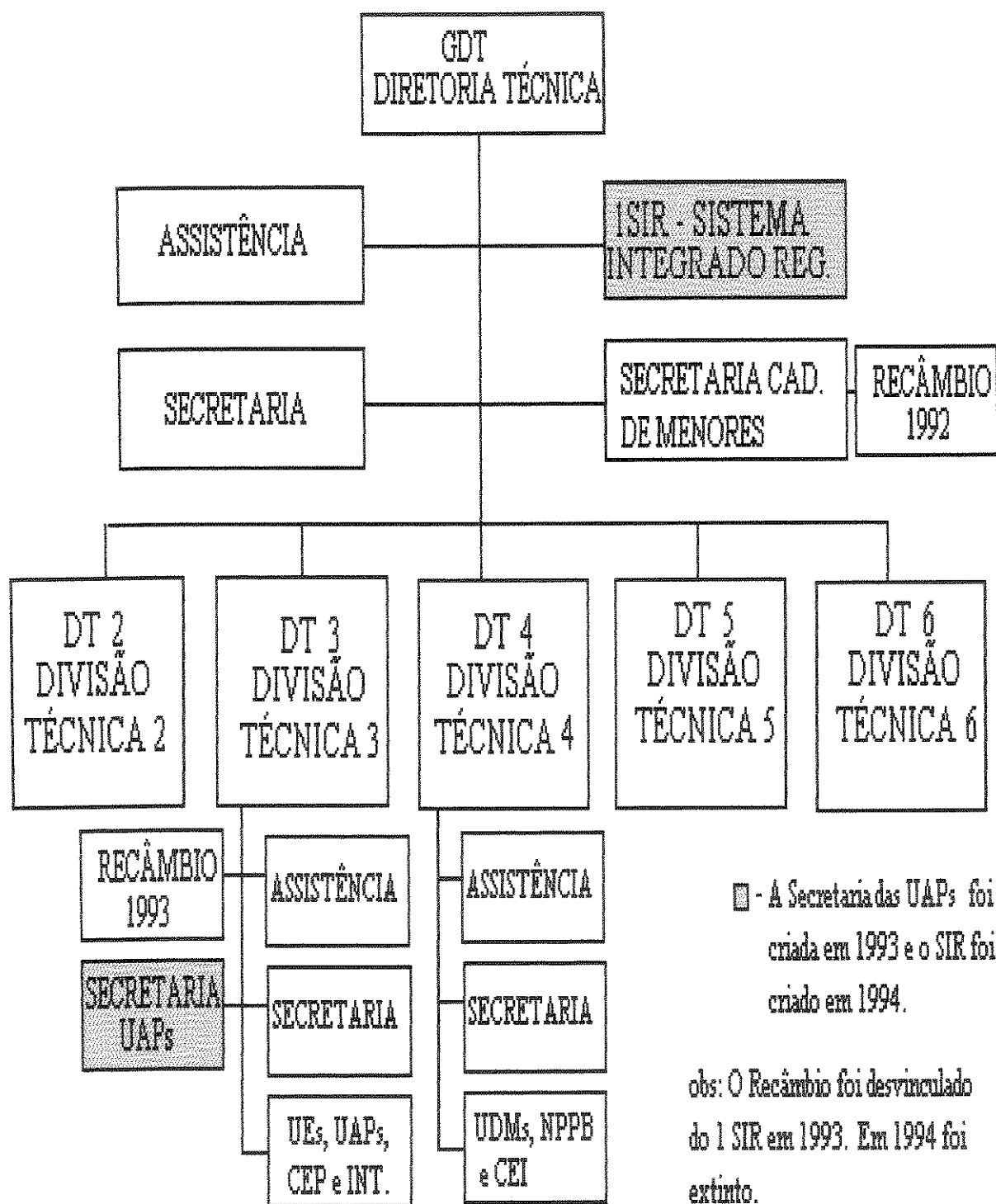
Legenda

AD - Acessoria Administrativa;
AT - Acessoria Técnica;
AEDP - Acessoria de Eventos e Doações;
ACS - Acessoria de Comunicação Social;
AJ - Acessoria Jurídica;
AS - Acessoria de Segurança;
AP - Acessoria de Planejamento

SAI - Supervisão de Auditoria Interna
SOM - Supervisão de Organização e Métodos
SUT - Supervisão Técnica



**ORGANOGRAMA DAS DIVISÕES TÉCNICAS 3 e 4 - FEBEM/SP
1992/1994**



1.3 A RESPONSABILIDADE DA FEBEM/SP

A Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor - FEBEM-SP desde sua criação é a responsável pelo abrigo, tratamento e educação das crianças e adolescentes juridicamente classificados como “abandonados, assistidos e infratores”. Os “abandonados” são crianças e adolescentes em situação de abandono ou ausência dos pais e sem responsáveis. Os “assistidos” são aqueles que têm pelo menos um responsável, mas que foram internados por falta de condições financeiras, afetiva, saúde física ou mental. Os “infratores” são adolescentes julgados ou sentenciados pela justiça por terem praticado atos de infração penal. (Violante, 1984, p.17)

As crianças abandonadas e assistidas eram mantidas em Unidades separadas dos adolescentes infratores. Estava localizada no bairro do Pacaembú a Unidade Sampaio Viana, onde permaneciam crianças com idade de 0 a 7 anos, acima dessa idade eram encaminhadas para a Unidade Raposo Tavares.

O menor de dezoito anos é inimputável segundo o artigo 103 do Estatuto da Criança e Adolescente - ECA³, isto é, não pode responder perante a justiça pelos seus atos. Mas diante da comprovação da infração poderá ser internado em uma instituição adequada. No Complexo Quadrilátero, localizado no bairro do Tatuapé, estavam internados os adolescentes infratores do sexo masculino.

O item 11 das Regras Mínimas das Nações Unidas diz que:

“Toda forma de detenção ou prisão, assim como a internação em instituição pública ou privada, de onde não se permita a saída livre do jovem, quando ordenado por qualquer autoridade judicial, administrativa ou outra autoridade pública é considerado como privação de liberdade.”

³ BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o ESTATUTO DA CRIANÇA E ADOLESCENTE e dá outras providências. Fundação Estadual do Menor - FEBEM/SP. ESTATUTO DA CRIANÇA E ADOLESCENTE. São Paulo. 1990

A internação é uma decisão judicial, esta prevista entre as medidas sócio-educativas no artigo 112 do ECA.

O adolescente em privação de liberdade, permanecia por um período de 45 dias até 36 meses, nesta condição, dependendo do grau de sua infração. Durante este período uma equipe composta por psicólogos e assistentes sociais relatava ao juiz responsável pela internação o comportamento e desenvolvimento escolar e profissionalizante do adolescente; o que seria levado em consideração para sua desinternação.

1.4 AS UNIDADES EDUCACIONAIS

No Complexo Quadrilátero localizavam-se as Unidades Educacionais - UEs para adolescentes infratores do sexo masculino⁴, classificadas por nível de contenção em baixa, média e alta. O número de internos por UE oscilava em torno de 120, divididos em dois pavilhões. Algumas Unidades tinham a capacidade física menor. Existia uma Unidade em regime semi-aberto, chamada de UE-11, na qual o adolescente poderia sair para procurar emprego, trabalhar, estudar e visitar à família, mas deveria retornar ao anoitecer.

O adolescente ao ser encaminhado a FEBEM/SP era abrigado na Unidade de Atendimento Provisório ou UAP-1 localizada na Rodovia dos Imigrantes.

⁴ Até 1992 localizavam-se no Complexo Quadrilátero as Unidades Educacionais femininas, após a rebelião de outubro do mesmo ano, foram transferidas para o Complexo Imigrantes.

1.5 OS DIRETORES DE DIVISÃO E UNIDADE

Na FEBEM/SP, todas as Divisões Técnicas - DTs, Unidades de Desenvolvimento do Menor - UDMs e Unidades Educacionais - UEs, eram comandadas por diretores. Os cargos de diretores técnicos eram de confiança do presidente da Fundação. As diretorias das Unidades Educacionais e de Desenvolvimento eram cargos atribuídos pelos diretores das DTs 3 e 4. A permanência do diretor no cargo não era assegurada por um período exato, a qualquer momento poderia ser afastado.

O diretor de Divisão Técnica tinha como responsabilidades a formulação anual da proposta de atendimento, sendo de sua competência a decisão das atividades que deveriam acontecer, a supervisão dos diretores das UDMs e UEs, o cumprimento das decisões das normas emanadas pelos órgãos superiores e, principalmente, gerenciar e administrar os recursos humanos e materiais das Unidades.

Na Unidade Educacional, as propostas educacionais e administrativas eram submetidas a análise do diretor. As atividades elaboradas pela equipe precisavam da autorização do diretor, e algumas vezes, da autorização do Diretor de Divisão, Chefe de Gabinete e Presidente da Fundação. A rotina das Unidades seguia o ritmo determinado pelo diretor.

Da década de 80 para 90, poucas mudanças ocorreram nos critérios de promoção de funcionários e administração das Unidades, privilegiando os antigos funcionários da Fundação. Muitos dos diretores das Unidades Educacionais não possuíam formação em nível superior, mas foram monitores e coordenadores de monitoria, chegando a direção.

Nas UDMs as direções eram ocupadas por profissionais das respectivas áreas, os quais deveriam possuir formação em nível superior. Mas a Divisão Técnica-4 teve como diretora interina, logo após a rebelião de 1992 a julho de 1994, uma funcionária da área administrativa.

1.6 A RELAÇÃO ENTRE AS DIVISÕES TÉCNICAS

A DT-3 era responsável pelo controle das Unidades Educacionais nas áreas administrativas e de segurança. Seu quadro de funcionários era constituído por monitores, responsáveis pela vigilância e segurança dos internos e patrimônio da Fundação. Ficou conhecida e respeitada pela disciplina rígida imposta aos internos através dos monitores das Unidades Educacionais. A disciplina utilizada era semelhante a de um quartel militar, onde prevalecia a obediência dos corpos.

A gestão da Secretária Alda Marco Antônio foi marcada pela tentativa de implantação de uma proposta de atendimento que assegurava os direitos do adolescente previstos no ECA.

Com a proposta da Secretária Alda, a DT-3 foi obrigada a abandonar sua forma de tratamento rígido, isto é, a disciplina rígida deixou de existir e os adolescentes deixaram de ser uma questão de segurança.

A implantação do plano de atendimento, que asseguraria os direitos do adolescente privado de liberdade, aconteceu de maneira rápida na FEBEM/SP. Os antigos funcionários não foram consultados sobre como era o atendimento desenvolvido e tão pouco foram esclarecidos do que se pretendia com a nova forma de atendimento.

O atendimento desenvolvido na Fundação era remanescente da época da polícia militar no antigo RPM, quando a disciplina rígida utilizada pelos militares foi adotada pelos funcionários civis contratados pelo Pró-Menor.

Com a proposta da Secretária Alda os adolescentes passaram a ter maior liberdade. Na visão do quadro funcional, os adolescentes foram colocados em situação de igualdade em relação aos funcionários. Foi um agravante a permissão dada aos internos de usarem roupas civis, sendo extinguido o traje institucional, pois, em alguns

casos, os internos usavam roupas melhores que as dos funcionários, os quais sentiram-se constrangidos.

Os funcionários foram ameaçados pelos adolescentes, que chegaram a cometer furtos, tentativas de estupro, agressões físicas e morais.

A Secretária Alda pretendia acabar com a FEBEM/SP e isto aumentou a insatisfação dos funcionários. Estes cruzaram os braços, esperando que os adolescentes promovessem uma rebelião, o que aconteceu em outubro de 1992, a maior ocorrida na Fundação e que destruiu parcialmente o Quadrilátero. (ANEXO 1)

A Secretária Alda Marco Antônio foi responsabilizada pelo incidente no Complexo Quadrilátero, segundo os funcionários sua proposta de atendimento levou os internos à indisciplina, o que resultou na rebelião. No momento de reassumir o controle, ainda durante a revolta, a secretária teria se omitido, ao não permitir a entrada da tropa de choque da polícia militar no Quadrilátero.

Com o fim da rebelião, a Secretária Alda Marco Antônio deixou a Secretaria de Estado do Menor, sendo substituída pela Secretária do Bem-Estar Social Rosmary Corrêa. Por decisão do Governador Fleury Filho, a Secretaria do Menor e a Secretaria do Bem-Estar Social foram unificadas, dando origem a Secretaria de Estado da Criança, Família e Bem-Estar Social.

Com a posse da Secretária Rosmary Côrrea, muitos dos diretores da gestão anterior foram afastados e a proposta de atendimento da Fundação foi revista. Os adolescentes voltaram ao regime de contenção nas UEs e a disciplina rígida foi retomada para conter os abusos.

Na gestão da Secretária Alda Marco Antônio, a DT-4 gozava de autonomia para implantação de novas propostas educacionais, era a principal responsável pela recuperação dos internos, mas, por outro lado, era vista como uma das causadoras da indisciplina gerada dentro do Quadrilátero.

Após a rebelião de outubro de 1992 e com as mudanças feitas pela Secretária Rosmary Corrêa na Secretaria do Menor, novas estratégias foram adotadas na

Fundação. Todas as propostas de atendimento das UDMs passaram a ser desenvolvidas dentro das Unidades Educacionais, principalmente nas de alta contenção.

Em 1993, depois de um período de isolamento e gradativamente, foi permitido aos internos das Unidades de baixa e média contenção a utilização dos espaços externos. A principal medida de segurança tomada para a liberação dos espaços externos foi a proibição de encontros dos internos de UEs distintas, isto é, quando os internos de uma UE se deslocavam para algum lugar no Quadrilátero não poderia existir o encontro com internos das outras Unidades, evitando-se assim a comunicação entre os internos e planejamentos de fugas e rebeliões.

Em 1994, a DT-3 apresentou à Presidência da Fundação um levantamento estatístico sobre seu trabalho no período de 1992 a 1993, contendo o número de internações, desinternações e fugas dos adolescentes. Os dados obtidos mostraram um número de 90 a 200 fugas de janeiro a setembro de 1992, em outubro do mesmo ano (mês da rebelião) o número foi de aproximadamente 700 fugas.

Com a volta da DT-3 ao controle do Quadrilátero após a rebelião, o número de fugas caiu e, três meses depois, em janeiro de 1993, o número de fugas passou para 10 ao mês. Estes levantamentos foram usados para justificar a atuação da DT-3 no período pós-rebelião.

A retomada da disciplina como forma de atendimento na Fundação, na gestão da Secretária Rosmary Corrêa, foi mantida até o fim de sua administração em 1994.

2. O UNIVERSO DO ADOLESCENTE INFRATOR

2.1 MENOR NÃO! ADOLESCENTE!

A criança e adolescente em situação de risco no Brasil foram tratados na maior parte das vezes como dados estatísticos. A existência desta parcela da sociedade foi lembrada esporadicamente em denúncias jornalísticas que ocuparam por algum tempo um espaço na mídia.

Mas quem são essas crianças e adolescentes que vivem à beira da sociedade em situação de risco, isto é, que estão à mercê da própria sorte nas ruas e nas instituições de internação, ou de que forma estas crianças e adolescentes foram tratados antes da infração?

A sociedade generaliza o tratamento de todas as crianças e adolescentes que vivem em condições precárias nos centros urbanos e no meio rural. As crianças e adolescentes de origem humilde foram marginalizadas e indicadas como um provável perigo para sociedade brasileira.

Basílio (1985), mostra que na década de 60 e 70, segundo os estudiosos do assunto na Escola Superior de Guerra, o “menor” foi destacado como questão de “Segurança Nacional”, as causas sociais não foram consideradas e a família foi responsabilizada pelo risco em que se encontravam as crianças e adolescentes.

A história do atendimento à infância e adolescência no Brasil mostra que criança e adolescente são as de famílias estruturadas, com boa renda financeira e que terão condições de boa formação educacional e profissional. Aqueles que são oriundos de

famílias de baixa renda financeira e que vivem às margens da sociedade são tratadas pelo termo **menor**.

Londono (1991, p.129) esclarece:

“Ao fazer um levantamento bibliográfico no acervo da Faculdade de Direito de São Paulo sobre o termo “criança”, uma das questões que chamou a nossa atenção foi o fato de que a partir do século XIX e começo do século XX a palavra menor aparecia frequentemente no vocabulário jurídico brasileiro. Antes dessa época o uso da palavra não era tão comum e tinha significado restrito. A partir de 1920 até hoje em dia a palavra passou a referir e indicar a criança em relação à sua situação de abandono e marginalidade, além de definir sua condição civil e jurídica e os direitos que lhe correspondem.”

Menor é um termo jurídico que se refere a condição temporal da existência do cidadão, considerado juridicamente maior ou menor de idade. O indivíduo menor de idade é dependente dos pais ou do responsável legal para a tomada de decisão, não cabendo-lhe as decisões legais e a responsabilidade civil e criminal de seus atos⁵.

Dallari (1986, p.25) considera o uso do termo menor:

*“ Na linguagem oficial, bem como na propaganda comercial fala-se em ‘semana da criança’, proteção da criança, programas para criança sempre referindo-se as que gozam de melhor situação econômica e social. E nos próprios documentos oficiais, assim como na linguagem de entidades e pessoas muitas vezes bem intencionados mas envolvidas pelo sistema circulante, fala-se em ‘semana do menor’, ‘menor delinqüente’, ‘menor abandonado’ e outras expressões semelhantes para designar a criança pobre e marginalizada, cuja marginalização já é reconhecida e formalizada pelo simples designativo de **menor**. E, no entanto, estas também são*

⁵ Artigo 33 do Código Penal Brasileiro e 104 do Estatuto da Criança e Adolescente.

crianças, são pessoas, mas para elas não existe o direito de serem reconhecidas e tratadas como pessoas.”

O termo “menor” aparece nos nomes das entidades, órgãos públicos e propostas de atendimento como:

- Serviço de Atendimento ao Menor - SAM.
- Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor - FUNABEM.
- Recolhimento Provisório de Menores - RPM.
- Pró-Menor de São Paulo.
- Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor- FEBEM.
- Secretaria Estadual do Menor de São Paulo.
- Unidade de Desenvolvimento do Menor - órgão da FEBEM/SP.

Apesar da modificação no atendimento à criança e adolescente no Estado de São Paulo na década de 90 e com a criação da Secretaria da Criança, Família e Bem-Estar Social em 1993, a FEBEM/SP não alterou sua nomenclatura e de suas Unidades de Desenvolvimento do **Menor**.

Neste período, os adolescentes com situação financeira privilegiada, foram tratados pela mídia como “teens”, o que significa em inglês idade compreendida entre 13 e 19 anos, a mesma idade dos adolescentes internados na FEBEM/SP.

Todos devem ser tratados com igualdade, todos são crianças e adolescentes que sofrem com a interferência do meio social, as infrações não são cometidas somente por pobres e miseráveis. Não se pode esperar que com a mudança do termo de tratamento, a situação da criança e adolescente seja resolvida em São Paulo e no Brasil, mas seria o início do respeito com aqueles que a muito tempo são desrespeitados.

2.2 A TRAJETÓRIA DO ADOLESCENTE INFRATOR ANTES DA FEBEM/SP

O adolescente não pode ser entendido somente na sua condição institucional em uma entidade de internamento como a FEBEM/SP. O adolescente infrator tem um histórico de vida que o acompanha na instituição, sua história corresponde ao meio em que estava inserido, com valores diferentes dos considerados normais pela sociedade.

Na década de 80, o perfil traçado dos adolescentes internados na Fundação mostrou que estes eram de famílias pobres, migrantes do norte e nordeste. As famílias ao se deslocarem do meio rural para os grandes centros urbanos se deparam com o desemprego, tendo como agravante a falta de preparação profissional e escolar. Os adolescentes deparavam-se com envolvimento dos pais com álcool e tóxicos, bem como, a ausência do pai, da mãe, ou ambos, por estarem presos, falecidos ou terem abandonado a família. (Violante, 1984, p.43-44)

Na década de 90, mesmo com as denúncias e o interesse da população pela situação da criança e adolescente no Brasil, as mesmas continuaram em situação de risco, seja pelos maus tratos dos pais, seja pela miséria social, o que levou crianças e adolescentes a buscarem nas ruas uma forma de subsistência.

As crianças e adolescentes que viviam nas ruas foram chamadas de “meninos-de-rua”. Também existiam crianças que passavam o dia na rua, mas ao anoitecer voltavam para suas casas e famílias. No mês de outubro de 1993, segundo a contagem feita em um único dia pela Secretária da Criança Família e Bem-Estar Social, foram encontradas nas ruas da Cidade de São Paulo cerca de 4.520 crianças e adolescentes, que estavam trabalhando, perambulando, brincando e esmolando. (Secretaria da Criança, Família e Bem Estar Social, 1994, p.5)

A exploração das crianças e adolescentes por adultos era comum. Estes adultos chamados de “pais e mães de aluguel” ou “pais ou mães de rua”, incentivavam as

crianças e adolescentes a pedirem esmolas, sendo dividido, posteriormente, o dinheiro arrecadado com os mesmos. Em troca, estes pais e mães de rua garantiam o ponto de trabalho e davam segurança. Esta prática era lucrativa para os adultos que não tinham gastos. Alguns pais de rua compravam mercadorias para que fossem vendidas nas ruas, neste caso, o pai ou mãe de aluguel subtraía a quantia gasta com a compra da mercadoria e dividia o lucro com o “contratado”.

Muitas crianças e adolescentes eram orientados ou obrigados pelos pais naturais a praticarem tais atos nas ruas para garantirem a subsistência da família.

Os adolescentes que viviam e moravam nas ruas não representavam o perfil dos internos da FEBEM/SP. A sociedade traçou o perfil de que a criança e o adolescente são infratores por estarem na rua, o que não é verdade.

Estar na rua colocava a criança e adolescente em risco e os mesmos poderiam ser aliciados por quadrilhas lideradas por pessoas mais velhas que vendiam e compravam produtos provenientes de furtos. Algumas quadrilhas utilizavam crianças e adolescentes no tráfico de drogas.

Aqueles que não participavam dos esquemas elaborados por adultos, acabavam fazendo as mesmas atividades pedindo esmolas ou praticando furtos e roubos. Com facilidade estas crianças e adolescentes envolviam-se com tóxicos, utilizando a cola de sapateiro, solventes, esmalte de unha e o crack.

O uso da cola de sapateiro e do esmalte eram mais freqüentes, por serem produtos de fácil acesso e baratos. Procuravam através destas substâncias, esquecer a fome, o frio e sua própria condição de vida. A utilização do crack levava a criança e adolescente a cometerem mais furtos e roubos em busca de mais dinheiro, por ser uma droga com custo elevado e com tempo de alucinação menor, quanto mais se pipa mais se quer pipar⁶, portanto, necessita-se de mais crack.

Muitos adolescentes internados na FEBEM/SP vinham da rua por terem cometido alguma infração. Mas no contexto dos adolescentes internados existia uma escala de

⁶ Termo utilizado pelos viciados, que significa fumar crack.

“crimes” e aqueles que vinham da rua por cometerem pequenas infrações não eram respeitados. (ANEXO 2)

Os adolescentes internados na FEBEM/SP na década de 90 vinham da periferia da grande São Paulo, e tinham como principais motivos: furto, roubo, narcotráfico, estupro e outras infrações. Muitos mantinham laços familiares.

Além dos adolescentes infratores da capital, estavam internados no Complexo Quadrilátero adolescentes de outras cidades do Estado de São Paulo que cometeram algum tipo de infração, mesmo sendo pequenas infrações foram internados por decisão do juiz da sua cidade. Os juízes justificavam que o afastamento do adolescente inibiria o aumento da criminalidade na cidade e serviria como exemplo para os demais. Estes adolescentes representavam 46% da população total do complexo Quadrilátero⁷.

Houve um aumento no número de infrações e, conseqüentemente, de internações de adolescentes da classe média na década de 90, os quais representavam de 15% a 20% da população do Complexo Quadrilátero⁸.

2.3 A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO ADOLESCENTE

Na década de 90, seguindo-se o Estatuto da Criança e Adolescente, o adolescente que cometesse uma infração teria sua internação determinada por ordem judicial, passando pela Unidade de Atendimento Provisório até ser internado em uma das Unidades do Quadrilátero.

O SOS Criança era o primeiro órgão a atender o adolescente, que passava por uma triagem de identificação e determinava o tipo de assistência que seria dada. Após a triagem e identificação no SOS Criança o adolescente infrator era levado para a

⁷ Dados divulgados pela Secretária Rosmary Corrêa em entrevista ao jornal Cruzeiro do Sul - Sorocaba, 08.10.1993, p. 07.

⁸ IBID.

Unidade de Atendimento Provisório - UAP-1, onde deveria permanecer até a decisão judicial.

A UAP-1 enfrentava o mesmo problema de superlotação do sistema carcerário no Estado de São Paulo, o número de internos era maior que sua capacidade original. A UAP-1 deveria abrigar em média 300 internos e tinha uma população aproximada de 700 internos, devido aos entraves burocráticos do poder judiciário.

Por ser uma Unidade com uma superpopulação e com um número reduzido de funcionários em relação aos de internos, as normas de segurança eram mais severas e os poucos funcionários trabalhavam com mais atenção e medo de possíveis rebeliões. Os adolescentes permaneciam durante o dia nos pátios, sentados no chão para facilitar o serviço de vigilância dos funcionários. Somente poderiam sair desta posição, quando autorizado por um funcionário, para irem ao banheiro e na hora de se recolherem ao dormitório.

Para passar o tempo e fugir da rotina do pátio, alguns adolescentes eram voluntários para executarem as tarefas da Unidade. Como recompensa participavam das aulas de Educação Física e do futebol, a maioria dos adolescentes da UAP-1 não participavam das atividades de Educação Física e lazer.

Após a decisão de internamento, o adolescente era encaminhado a uma Unidade do Complexo Quadrilátero. Deixar a UAP-1 e ser internado em uma Unidade do Complexo Quadrilátero significava uma mudança de rotina⁹. A UE oferecia mais comodidade, por não haver superlotação e por ser permitido aos adolescentes participarem das atividades.

⁹ Para os adolescentes, a Unidade Educacional era considerada como “cadeia de chocolate”, por ser mais confortável, o UAP-1 e as cadeias públicas para adultos eram superlotadas.

2.4 A VIDA INSTITUCIONAL DO ADOLESCENTE

Teoricamente a função da FEBEM/SP era “reeducar”, “reabilitar” e “reintegrar” o adolescente a sociedade através dos programas desenvolvidos pelas Unidades Educacionais, que deveriam preencher as lacunas deixadas pela família do interno.

Mas, no dia-a-dia institucional, o adolescente tinha obrigações como a escola, os cursos profissionalizantes, os cursos culturais, as atividades esportivas e as tarefas diárias de faxina.

Ao chegar a Unidade Educacional o interno era apresentado à rotina diária e alertado sobre o tipo de procedimento ou comportamento que deveria ter, em caso de infração das normas seria aplicado algum tipo de punição.

As punições serviam como exemplo para os demais internos, quando um interno infringia uma norma, era punido por tempo indeterminado com a tranca¹⁰. Em alguns casos, todo o pavilhão era submetido a punição pela infração cometida por um interno.

A FEBEM/SP tem um passado de violência, até o início da década de 90, o adolescente que infringisse alguma norma era submetido a uma surra. Durante a década de 90, esse tipo de castigo foi proibido pela presidência da Fundação seguindo as determinações do ECA, mas, aconteceram casos esporádicos de agressões.

O adolescente era vigiado e controlado durante as 24 horas do dia, seu modo de agir era padronizado; ao dirigir-se a um funcionário ou a um adulto visitante, o adolescente deveria tratá-lo por senhor, ao deslocar-se para algum lugar, o adolescente deveria andar com a mão para trás e cabeça baixa e em algumas Unidades, antes das refeições, os adolescentes deveriam rezar em agradecimento a Deus pelo alimento concedido.

¹⁰ Ficar isolado ou detido no dormitório, era chamado de “tranca”.

As roupas trazidas da sociedade pelos adolescentes eram guardadas e entregues na desinternação. Durante seu período de internamento o adolescente recebia roupas fornecidas pela Fundação e que eram trocadas duas vezes por semana.

Os adolescentes no tempo disponível ficavam no pátio, assistindo televisão, jogando dominó, tecendo tapetes de papel celofane, jogando bola ou procurando alguma atividade para passar o tempo. Uma das atividades proibidas dentro das Unidades era o carteadado ou baralho, por mais simples e ingênuo que fosse o jogo.

A vida institucional colocava o adolescente face a face com outros que estavam em condições semelhantes, o que levava a institucionalização de grupos. Dentro das Unidades Educacionais existiam grupos de adolescentes que disputavam a liderança. Esses grupos eram chefiados pelos internos mais antigos; ser forte e considerado perigoso pelo tipo de infração poderia ser importante, mas não era essencial para se chegar ao poder. O líder, também chamado de “xerife” pelos adolescentes, deveria se destacar pela sua persuasão sobre os internos.

A estabilidade da Unidade Educacional dependia do controle do xerife; era normal acontecer incidentes em sinal de protesto, ou simples ameaça, com a utilização de um adolescente recém-internado, chamado de “laranja”, que era induzido a provocar um incidente para desestabilizar a rotina. O bom líder ou “xerife”, segundo os adolescentes, era aquele que não era pego ao elaborar algum plano. O xerife deveria mostrar seu poder, através dos outros internos, sem correr o risco de qualquer punição.

Este mundo institucional era conhecido pelos diretores, funcionários, corpo técnico e professores, mas era visto como uma situação normal e que fazia parte da rotina de todos.

3. A EDUCAÇÃO FÍSICA NA FEBEM/SP

3.1 A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA FEBEM/SP

Durante a Ditadura Vargas a Educação Física tornou-se obrigatória em todas instituições educacionais. As instituições responsáveis pelos adolescentes infratores consideravam-se educacionais, portanto, a Educação Física deveria ser implantada. Neste período, nas instituições educacionais, as aulas de Educação Física seguiam os moldes do quartel militar, objetivando a ordem e disciplina dos educandos. (Horta, 1994)

Apesar da obrigatoriedade das aulas de Educação Física em instituições educacionais, em São Paulo, somente foi implantada em 1974, com as contratações dos professores na Fundação Pró-Menor. Antes deste período, as atividades físicas e esportivas eram desenvolvidas por funcionários e policiais militares interessados em esporte.

Segundo os antigos professores e documentos existentes, os responsáveis pela implantação da Educação Física na FEBEM/SP foi o prof. Guerner (técnico em atletismo) e Adhemar Ferreira da Silva (atleta). O esporte era o principal objetivo dos professores de Educação Física neste período.(ANEXO 3)

Em 1977, foi elaborado, paralelamente ao desenvolvimento esportivo, um plano de atuação denominado Educação Física Infantil, que tinha como objetivo suprir as necessidades físicas, melhoria da saúde e a sociabilização das crianças internadas.

Mas o principal foco da Educação Física foi o esporte, por ser de interesse dos adolescentes e professores, como mostra Bierrenbach (1987, p.58):

“ A experiência da ‘escolinha de futebol’, tanto nos aspectos esportivos, recreativos, de profissionalização e intercâmbio, revelou-se produtiva, apesar das controvérsias e contradições sempre presentes, sobretudo devido ao destaque da medida isolada, como o comum das iniciativas. Aliás, as atividades esportivas e seus eventos interessam e envolvem menores e professores de educação física, configurando-se uma saída possível dentro do marasmo institucional, embora, como as demais, dependam do esforço e dedicação, em geral, de uns poucos. Entretanto o grande potencial do esporte ou fica na superficialidade do ‘bater bola’ ou, no máximo, na realização de competições, mais para efeito da imagem externa, apesar das tentativas de resgatar a sua dimensão educacional e de desenvolvimento bio-psico-social, em geral, dependentes do esforço e dedicação de alguns poucos profissionais da área”.

As escolas de esporte, como a de futebol, eram criadas e depois encerradas, mas sempre voltavam a fazer parte de algum projeto, dependendo do interesse e boa vontade dos diretores e alguns professores.

O esporte foi utilizado pela FEBEM/SP como forma de propaganda para sociedade, isto é, era apresentado como um meio de reeducação e reintegração do adolescente a sociedade.

Outra função da Educação Física era levar o adolescente se conformar com o internamento. Violante (1984, p.80) cita os objetivos das áreas técnicas na Unidade Educacional Alfeu Gasparian - UE-17, localizada em Riberão Preto, como sendo o objetivo da Educação Física *“... contribuir para um melhor ajustamento e aceitação da Unidade pelo educando.”*

As aulas de Educação Física eram desenvolvidas por dois professores lotados na Unidade Educacional. Desde o ingresso dos professores na FEBEM/SP em 1974 até

1989, não existia o intercâmbio dos professores das Unidades Educacionais. O acompanhamento dos professores era feito pelo Núcleo Desportivo e Cultural - NDC, também responsável pelo acompanhamento dos professores da área Cultural.

Em 1989, foi criada a Unidade de Desenvolvimento do Menor-3 - UDM-3, a qual passou a ser responsável pelo quadro de professores e desenvolvimento de uma proposta única de Educação Física.

3.2 A EDUCAÇÃO FÍSICA DE 1992 A 1994

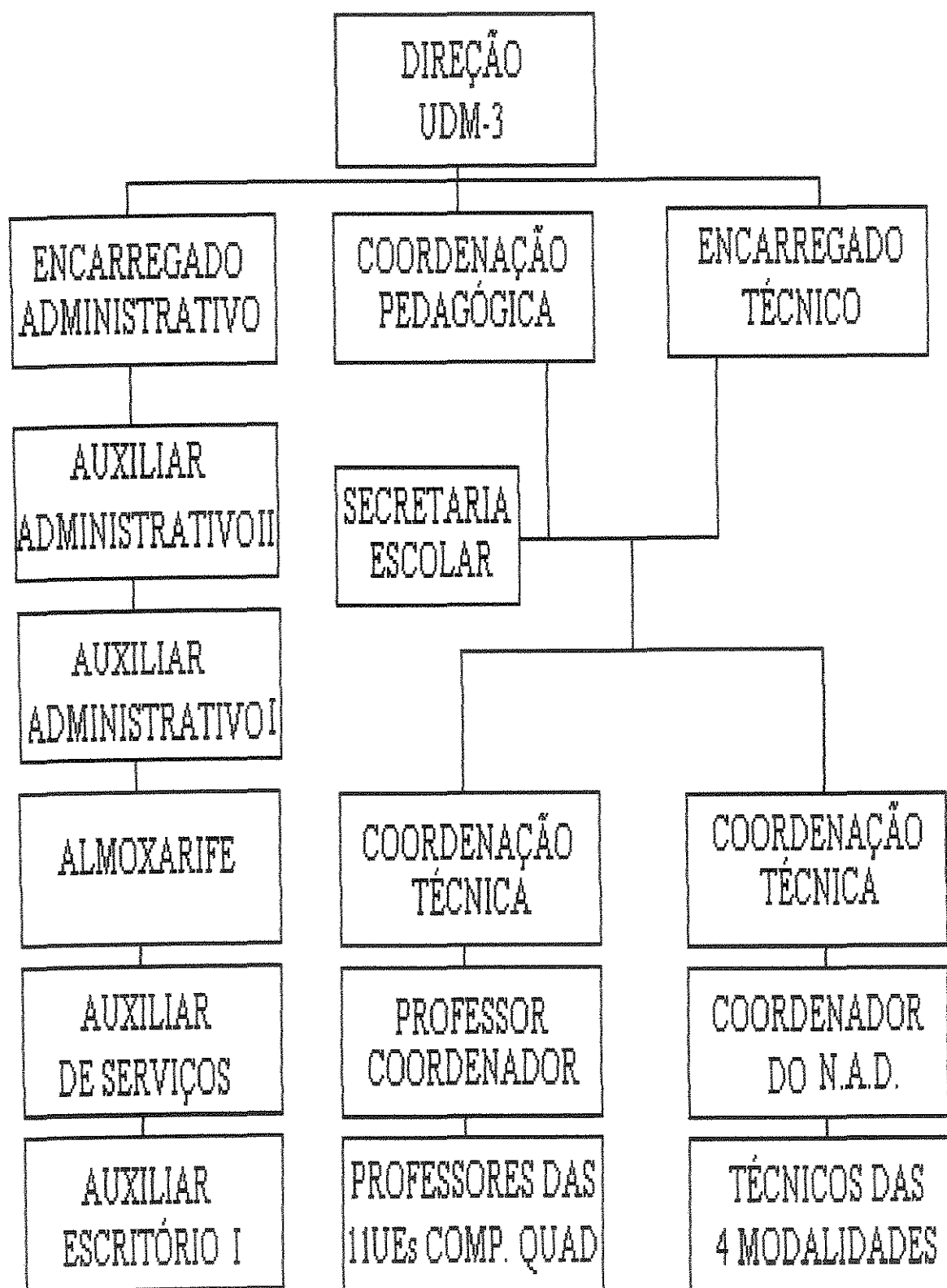
Em 1992, foram contratados para UDM-3, monitores de esportes e educadores II (alguns com cargos de coordenadores); os novos professores juntamente com os antigos formaram a equipe responsável pela Educação Física.

Com a chegada dos novos profissionais, a UDM-3 passou a ter os seguintes profissionais responsáveis pelas aulas de Educação Física:

- 1- Instrutor de jogos.
- 2- Professor de Educação Física.
- 3- Auxiliar de orientação de alunos.
- 4- Monitores de esporte.
- 5- Educadores II.

Os cargos 1, 2 e 3 faziam parte do quadro de funcionários da Fundação, os cargos 4 e 5 pertenciam a empresa Banespa Serviços Técnicos e Administrativos - BANESER, que prestou serviços na FEBEM/SP de 1992 a 1994.

ORGANIZAÇÃO DA UDM-3
FONTE: PROOSTA DE ATENDIMENTO - UDM-3 - 1993



A proposta de Educação Física de 1992, tinha como principal objetivo a melhoria das atividades desenvolvidas com os adolescentes. Os responsáveis pelo desenvolvimento da proposta foram os professores-coordenadores recém-contratados. Eles propunham atividades voltadas a uma prática pedagógica que deveria auxiliar no desenvolvimento global do adolescente. A proposta de Educação Física foi elaborada segundo o artigo 124 do ECA (item XII) que considera como direito do adolescente privado de liberdade as atividades culturais, esportivas e de lazer.

As atividades eram desenvolvidas nos espaços internos das Unidades Educacionais ou na praça poliesportiva do Complexo Quadrilátero.

No decorrer do ano de 1992, foram surgindo problemas que interferiram no desenvolvimento das atividades dos professores de Educação Física. O restante do corpo docente mostrava seu descontentamento e apontava falhas na proposta colocada em prática que exigia dos professores o uso excessivo de atividades recreativas, sendo obrigados deixarem de lado as atividades esportivas. A rebelião de outubro de 1992 foi o final desta fase.

Em 1993, foram feitas alterações na proposta de Educação Física surgindo dois tipos de atendimentos, os quais deveriam ser coordenados por dois Núcleos¹¹: Núcleo de Vivência Motora - NVM e o Núcleo de Aprendizagem Desportiva - NAD, ambos dirigidos pela UDM-3.

Segundo a proposta de atendimento da UDM-3 (1993, p. 4):

“a) O Núcleo de Vivência Motora estava dividido em setores para o atendimento das Unidades.

b) Os setores foram formados, tendo como critério o circuito de internação do adolescente.

c) A princípio os setores foram formados da seguinte forma:

Setor I - UEs - 2, 16 e 07

Setor II - UEs - 1, 10 e 15

Setor III - UEs - 12, 13 e 14

Setor IV - UEs - 05 e 17”

¹¹ Proposta de Atendimento da UDM-3 - Esporte, abril de 1993.

Cada setor representa o conjunto de Unidades Educacionais que recebiam atendimento da UDM-3.

O Núcleo de Vivência Motora no ano de 1993 a 1994 era o responsável pelo atendimento das Unidades Educacionais. Uma das metas discutidas, em relação ao NVM, era estimular os adolescentes para novas experiências motoras, sendo este trabalho o ponto de partida para a escola de treinamento. Somente os adolescentes que se destacassem durante as aulas do NVM seriam convidados para a escola de treinamento.

O professor do NVM tinha como função (IBID.):

- “1) Elaborar planejamento conforme as características e necessidades das Unidades e promover o atendimento diário.*
- 2) Solicitar da Coordenação Pedagógica, orientação e revisão do planejamento de atividades.*
- 3) Promover o acompanhamento (ir e vir) de seus alunos (Unidade - Local de trabalho - Unidade) e acompanhar os alunos relacionados para o NAD ao local da aula deste Núcleo.*
- 4) Apóio ao NAD, visando troca de informações e acompanhamento do trabalho.*
- 5) Avaliar constantemente os alunos, adotando critérios, estabelecidos em conformidade com os professores do NAD.”*

No mesmo ano foi implantada pela UDM-3 as atividades bimestrais de iniciação desportiva. Tinham como objetivo incentivar a prática do voleibol, basquetebol, handebol e atletismo em todas as Unidades Educacionais.

O planejamento das aulas de Educação Física estava previsto na proposta de atendimento da UDM-3, quem elaborava o planejamento era o professor do Núcleo de Vivência Motora - NVM, responsável pela Educação Física na Unidade Educacional.

Mesmo sendo previsto na proposta de atendimento da UDM-3, os professores não eram obrigados a apresentarem os planejamentos.

Mensalmente acontecia a reunião dos professores de Educação Física, nesta reunião era colocado em discussão os problemas da UDM-3 e das Unidades Educacionais.

O processo de escolarização nas Unidades Educacionais da Fundação era diferente das escolas, os adolescentes que se encontravam internados não tinham um tempo determinado de permanência, podendo ser desinternados ou transferidos de Unidade Educacional a qualquer momento. A continuidade escolar de qualquer disciplina era prejudicada pela instabilidade da permanência do adolescente.

Os coordenadores NVM - UDM-3 eram os responsáveis pelo acompanhamento dos professores de Educação Física, mas a principal preocupação da coordenação era a presença do professor na Unidade Educacional, devendo assegurar o atendimento mesmo na falta do professor responsável. Esta era uma imposição da presidência da FEBEM/SP à diretoria da UDM-3, o importante não era a qualidade da atividade, mas sim a quantidade de adolescentes atendidos.

O acompanhamento pedagógico das atividades desenvolvidas era de responsabilidade da coordenadora pedagógica da UDM-3, que deveria auxiliar nos problemas encontrados pelos professores. O acompanhamento pedagógico era prejudicado, por ser feito à distância, sem o envolvimento da coordenadora pedagógica com a realidade da Unidade Educacional. Na ocorrência de um problema a coordenadora pedagógica era informada pelo professor ou pela coordenadora pedagógica da Unidade Educacional.

Algumas das coordenadoras pedagógicas das Unidades Educacionais não tinham formação em pedagogia, e isso comprometia o processo de busca de soluções dos problemas.

O Núcleo de Aprendizado Desportivo foi organizado em função das Escolas de Treinamento, cuja estrutura favoreceria, principalmente, o contato com a comunidade.

Estava previsto para o ano de 1993 as seguintes escolas de treinamento: de atletismo, basquetebol, voleibol, futebol, natação.

Essas modalidades deveriam ser desenvolvidas por professores especialistas comprometidos com os objetivos do NAD. Estes tinham como atribuições (ibid., p. 7):

- “a) Dar atendimento de sua modalidade no horário estipulado.*
- b) Prever, em planejamento, as suas atividades entregues antecipadamente na coordenação pedagógica.*
- c) Colaborar quando possível na devolução dos alunos nas Unidades em conjunto com os professores do NVM (Núcleo de Vivência Motora).*
- d) Estabelecer critérios técnicos e de interesse na sua modalidade que serão respeitados na admissão de seus alunos.”*

No ano de 1993, com a mudança de diretrizes na UDM-3 iniciou-se a discussão sobre a proposta das escolas de treinamento enfatizada no NAD. O objetivo da UDM-3 era implantar escolas de treinamento, para no futuro ser criada a Casa do Atleta. A Casa do atleta seria uma Unidade Educacional diferenciada, com uma população formada por alunos das escolas de treinamento. Nessa estrutura o projeto do NAD deveria seguir etapas. A primeira etapa foi alcançada com a autorização do presidente da FEBEM/SP para a criação da escola de treinamento de futebol no primeiro semestre de 1994, com esta conquista os coordenadores da UDM-3 acreditavam ser possível expandir a proposta.

A implantação das escolas de treinamento foi adiada por várias vezes, o principal motivo foi a severa medida de contenção imposta aos adolescentes após a rebelião de 1992.

A primeira e única escola de treinamento foi a de futebol, implantada no primeiro semestre de 1994. Nela foram matriculados os adolescentes das Unidades

Educacionais de baixa e média contenção. Algum tempo depois foi liberada a participação de internos das Unidades de alta contenção.

A prioridade dada a criação da escola de treinamento de futebol se explica pelo interesse dos adolescentes pelo futebol. Para Bierrenbach (1987, p.57) na FEBEM/SP *“As atividades duradouras relacionam-se ao samba e ao futebol, reproduzindo-se ao nível interno o senso comum da sociedade”*.

Deve ser compreendido que para se praticar o futebol os adolescentes não necessitavam de equipamentos sofisticados; o pátio da Unidade Educacional servia como quadra necessitando apenas de uma bola. Devido a este interesse, surgiu a escola treinamento de futebol que serviria de piloto para outras escolas de treinamento. A implantação de outra escola de treinamento não aconteceu, mesmo com o bom resultado obtido com a escola treinamento de futebol.

A escola de futebol permaneceu com suas atividades até o fim do ano de 1994, o que representou também o fim do período da gestão da direção da UDM-3 e da proposta de Educação Física. Com a mudança de governo em janeiro de 1995, ocorreram novas reformulações.

4. METODOLOGIA

4.1 O CAMINHO METODOLÓGICO

Ao desenvolver um trabalho científico, nos deparamos com duas abordagens de pesquisas chamadas de quantitativa e qualitativa. O pesquisador pode colocar em risco a pesquisa se a opção pela metodologia for apenas por questão ideológica e não pela natureza do problema da pesquisa eleita.

Um método de pesquisa acaba sendo repudiado por um pesquisador por não ser de seu interesse, como o exemplo da pesquisa quantitativa que foi criticada e renegada por muitos pesquisadores, por ter como origem o positivismo. Mas o método de pesquisa quantitativa, que trabalha os fatos¹², foi a primeira forma de pesquisa científica que trouxe benefícios e avanços a humanidade e ao campo do conhecimento científico.

A pesquisa qualitativa permite a observação do fenômeno e do seu significado através dos dados que exprimem estados psicológicos, níveis de consciência, representações e visões de mundo (ideologias), imaginários, definições de situação, atitudes, emoções e sentimentos. A pesquisa qualitativa deixa o sujeito do estudo numa condição de liberdade de expressão. (Haguette, 1988, p.141)

¹² A idéia de fato, tal como esse termo é conhecido hoje, tem inicialmente, seus fundamentos na lógica de Stuart Mill e, posteriormente, no empirismo, no cartesianismo e no positivismo clássico. Este, por sua vez, desenvolve-se no Positivismo Lógico ou Empirismo Lógico. (MARTINS, J., 1989, p.22)

Na pesquisa qualitativa, o fenômeno existe e se mostra por si, ao contrário do que acontece na pesquisa quantitativa, onde o fato pode ser controlado. Ao analisarmos um fenômeno na pesquisa qualitativa buscamos a sua compreensão.

Segundo Venâncio (1994, p.50 -51):

“Hoje faz-se pesquisa qualitativa. O investigador passou a fazer parte do objeto de sua pesquisa. Objetivo e subjetivo se confundem. As qualidades dividem assento com as quantidades. Os fenômenos não se reduzem a números apenas. Não obstante, a opção pela pesquisa qualitativa não significa uma rejeição da pesquisa quantitativa. Se for necessário, as medidas, os números as equações humanizados. Em alguns casos, as medidas não poderão dar conta da análise do fenômeno, ou porque não se prestam a tais tipos de análise, ou porque não sabemos ainda como bem utilizá-las em certos campos das ciências humanas”.

Pelas possibilidades e principalmente pela afinidade que acredito existir com o problema da minha pesquisa, o método de pesquisa qualitativa foi a minha opção. O problema a ser pesquisado é **“Como se Mostrou a Proposta de Educação Física desenvolvida na FEBEM/SP de 1992 a 1994”** segundo os discursos dos Professores de Educação Física que atuaram durante esse período. Considero que este problema da pesquisa poderia ser abordado pela pesquisa quantitativa, como em outros estudos desenvolvidos sobre a FEBEM/SP que utilizaram o método de pesquisa quantitativa como recurso metodológico. Mas, minha escolha foi pela busca da compreensão do fenômeno da Proposta de Educação Física através da experiência vivida por mim e pelos Professores que lá atuaram neste período.

Ao ingressar no quadro de professores de Educação Física da Fundação, no Complexo Quadrilátero, pude fazer parte do grupo de professores responsáveis pela efetivação da proposta de Educação Física elaborada por profissionais da área que

ingressaram na Fundação em 1992 e que eram responsáveis pela coordenação dos professores.

Vivenciando o dia-a-dia do grupo de professores responsáveis pelas aulas nas Unidades Educacionais, deparei-me com a interrogação sobre nossa atuação. Esta interrogação me levou à procura de uma modalidade de pesquisa que pudesse auxiliar na investigação da proposta na Fundação através dos discursos dos professores que viveram a experiência. Mas como analisar os discursos dos professores sem que meus preconceitos levassem a um resultado, que talvez já estivesse por mim definido.

Portanto, elegi como instrumento de investigação a modalidade de pesquisa **Análise da Estrutura do Fenômeno Situado**.

A Análise do Fenômeno Situado possibilitou-me a reflexão sobre minha existência, primeiro como homem, que foi tocado pelo mundo FEBEM/SP, depois como pesquisador, assumindo uma postura de não interferir na visão dos sujeitos. Seus discursos não são iguais, porém, existem as convergências, divergências e idiossincrasias, as quais foram tratadas cientificamente.

4.2 DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

Escolher como recurso metodológico a Análise do Fenômeno Situado não significa caminhar por uma trilha segura, ou em direção de uma luz no fim do túnel. A trilha será aberta e a luz surgirá através da postura assumida pelo pesquisador, que deverá imergir e posteriormente se afastar do mundo do fenômeno para observá-lo.

No meu entendimento, a Análise do Fenômeno Situado leva o pesquisador a procura do desconhecido, sem a preocupação de explicar como o fenômeno ocorre (causa e efeito). A busca do pesquisador é clarear o fenômeno, ao contrário de outras

modalidades da pesquisa qualitativa, que se voltam para explicação ou confirmação de hipóteses..

Ao utilizar os relatos das experiências vividas pelos sujeitos da entrevista, o pesquisador tem como objetivo levantar considerações sobre o fenômeno segundo a percepção dos sujeitos, esta experiência é diferente e única. Para obter os discursos dos sujeitos foi necessário estruturar uma **Questão Orientadora**. Na fase de formulação foi necessário fazer uma entrevista piloto.

Ao formular a Questão Orientadora tive como objetivo clarear o fenômeno através dos discursos dos sujeitos da pesquisa que vivenciaram a proposta de 1992 a 1994, o que me levou a um horizonte até então desconhecido.

Venâncio (op. cit., p.56) considera que:

“Na pesquisa qualitativa na modalidade Análise da Estrutura do Fenômeno situado, não existe mais o ‘problema’ da pesquisa e sim ‘problemas’, uma multiplicidade de problemas. No lugar de ter um problema eu tenho dúvidas sobre algumas coisas que me levam a necessidade de interrogar. Quando eu interrogo, tenho uma trajetória, estou caminhando em direção do fenômeno. Não tenho mais teorias, explicações ou conceitos estabelecidos a priori.”

A Questão Orientadora foi estruturada de modo que possibilitasse ao sujeito uma forma de se expressar com naturalidade e espontaneidade, sem a minha interferência enquanto ouvinte. A Questão Orientadora formulada e apresentada aos sujeitos foi: **“No período de 1992 a 1994, como se mostrou para você a proposta de Educação Física na FEBEM/SP?”**

Os sujeitos da pesquisa são três professores de Educação Física que atuaram no Complexo Quadrilátero-FEBEM/SP, no período de 1992 a 1994, e que aceitaram o convite de participarem da pesquisa. Ao entrevistá-los expliquei do que se tratava e que seus discursos seriam utilizados, contudo, sem revelar suas identidades.

As entrevistas foram gravadas em fitas K7, transcritas na íntegra e realizadas nas residências ou locais de trabalho dos sujeitos, em ambientes livres da interferência de terceiros.

No tratamento dos discursos dos sujeitos, em primeiro momento, foram destacadas as Unidades de Significado, isto é, as partes do discurso que se relacionam ao fenômeno estudado.

Em seguida foi realizada a Redução Fenomenológica das Unidades de Significado em duas etapas. Na primeira etapa, chamada de Redução Fenomenológica I, as Unidades de Significado encontram-se transcritas na íntegra ou seja na linguagem do sujeito, chamada de descrição ingênua, a qual foi transformada para a linguagem do pesquisador.

A segunda etapa chamada de Redução Fenomenológica II, as unidades reduzidas na primeira etapa, e que emitem o mesmo significado e complementam-se, foram agrupadas, formando as Unidades Transformadas. Ao final desta, foi estruturada a análise ideográfica¹³ do sujeitos.

Na fase seguinte as Unidades Transformadas foram analisadas conforme a convergência, divergência e idiossincrasias dos três sujeitos da pesquisa, o que resultou na construção de cinco Sínteses de Unidades Transformadas que foram analisadas.

¹³ Análise ideográfica, trata de representar a idéia dos sujeitos por meio de símbolos de forma a revelar a ideologia que permeia as descrições feitas por eles.

4.3 AS ENTREVISTAS

ENTREVISTA SUJEITO 1

Marcelo: No período de 1992 a 1994, como se mostrou para você a proposta de Educação Física na FEBEM/SP?

Sujeito 1: Bom no meu ponto de vista [1 a proposta de Educação Física que existia dentro da FEBEM, nunca foi uma proposta assim tão clara], né, o que a gente via lá eram muitos interesses, muito (...) é (...) [2 não tinha uma definição do que fazer], e sim existiam os professores de Educação Física da Fundação que tinham que pegar o seu material didático encaminhar pras Unidades e [3 conforme a situação da Unidade era proposta uma atividade, seja ela qual for dentro do esporte ou até mesmo ocorria do profissional chegar nas Unidades, né, distintas e ter que retornar porque por uma série de fatores não poder desenvolver sua atividade], ele era (...) [4 existia uma proposta assim é pedagógica no papel e tudo mais], [5 mas na pratica mesmo a dificuldade era muito grande de se colocar, né, por uma série de fatores, fatores políticos que na minha opinião e o primeiro lá, que envolvia toda a Fundação, né, interesses políticos; segundo é os casos isolados que aconteciam dentro de cada Unidade e por último os garotos, eu coloco nessa seqüência] aí, né. É eu acredito que a proposta (...) [6 existia uma proposta concreta, é a nível de papel, pra mostrar, né, a razão da existência da Educação Física, porque muitos até questionavam isso], né, o porque da Educação Física lá dentro, sendo que o garoto só jogava bola tal, e [7 quando o profissional queria desenvolver alguma coisa a nível de proposta pedagógica, alguma coisa assim era muito complicado], então eu acredito que no período que eu permaneci lá de 92, né,

que eu entrei na Fundação, até 94 e pra mim [8 nunca foi clara a proposta], mesmo com reuniões, os profissionais intervindo, tal. [9 Cada Unidade era um caso, e eles sempre faziam uma proposta global envolvendo uma série de fatores, que na realidade era impossível de ser realizados, né, por interferências mil que existiam lá dentro].

Marcelo: No período de 92 a 94 como você desenvolveu o seu trabalho?

Sujeito 1: Olha o trabalho como eu disse anteriormente [10 a gente tinha uma proposta a ser colocado em pratica, né, muito (...) muitas vezes era como eu disse anteriormente, ela não era clara] e eu particularmente [11 desenvolvi meu trabalho com as características das Unidades em qual permaneci em certos períodos, né, cada Unidade lá na sua faixa etária, na sua divisão que existia lá dentro, né, era realizado um tipo de atividade conforme o seu espaço físico, a gente propunha determinadas situações, né, meu trabalho, particularmente, eu desenvolvi em cima das necessidades de cada Unidade] tá, e lógico que no meu ponto de vista o que predominava dentro da FEBEM, até por ser uma (...) eu particularmente sempre trabalhei com garotos, né, então a predominância maior dentro da Fundação era predominância para o futebol tá, então a garotada se você ia com uma proposta diferente, uma porque a cultura da Fundação, funcionário e tudo mais, era voltada, [12 a cultura esportiva da Fundação era voltada para o futebol, quando se apresentava uma proposta diferenciada alguma coisa assim, era muito complicado pra (...) pro pessoal intervir, né, pra colocar realmente em pratica]. Você ia com uma proposta de ginástica, uma proposta de atletismo e o pessoal não entendia, o futebol se desenrolava bastante, e se desenrolava no meu ponto de vista quando foi implantado. [13 O trabalho da escolinha foi um trabalho que se desenvolveu com bases em alguma coisa, não foi em cima de um empirismo, né, que no meu ponto de vista, o tempo que eu permaneci dentro da Fundação

predominava bastante, né. Depois que foi desenvolvida a escolinha sim foi trabalhado encima de critérios e metodologias] e tudo mais. Eu acredito que, como já disse anteriormente, [14 esses projetos se perdiam] por uma série de fatores você, eu por exemplo chegava nas Unidades propondo. Eu tive uma oportunidade de trabalhar na U.E. 17, onde existiam material didático lá que era uma grande dificuldade, porque, na FEBEM, [15 o único material didático que existia era a bola, e você improvisar não podia porque o garoto podia tá transformando esse material em algum objeto pra tá atacando a monitoria, isso na visão da monitoria, né, e lógico que você tinha alguns meios de não se tornar isso que a monitoria pensava viável, mas a monitoria, a direção de Unidades tal, acreditava que qualquer coisa, qualquer material estranho que entrasse dentro da Unidade poderia se transformar em uma arma, alguma coisa assim pra uma possível rebelião até, né, então era muito complicado você confeccionar algum determinado tipo de material]. Mas eu tive a oportunidade, como havia dito, de trabalhar na U.E. 17 e ela dispunha de um colchão lá bem destruído tal, mas nós conseguimos recuperar ele em parte pra se realizar o salto em altura, né. Então existia um espaço de areia, um material didático disponível, e eu comecei um trabalho lá de (...) pra diferenciar um pouco a atividade, né, que também dentro da U.E. 17 era o futebol, e era uma unidade fechada o período em que trabalhei lá, não poderia usar os espaços externos, né. Então você tinha o quê? - Bola e atividades para fazer, acompanhar, desenvolver o seu planejamento somente dentro da Unidade; e foi até um fato engraçado que o meu coordenador ao ver a atividade sendo desenvolvida, né, ele se espantou porque na (...) eu acredito o tempo que ele permaneceu lá dentro ele não tinha visto uma atividade diferenciada a não ser o futebol em primeiro plano, o voleibol em segundo plano e basquete ou até a própria natação em um plano bem mais distante, né. Então ele espantou e veio querer até intervir em alguns aspectos da atividade, sendo que ele até desconhecia das necessidades, das carências da Unidade, ele era simplesmente um coordenador que passava pra ver se os professores que estavam em

determinados pontos desenvolvendo a sua atividade, tá certo, e o planejamento, né. Como eu ia dizendo pra você, **[16 o planejamento eu desenvolvia conforme as características da Unidade]**. Agora no meu ponto de vista **[17 existiam certas Unidades no Quadrilátero que era impossível realizar qualquer tipo de atividade]**, só que o pessoal entendia que isso era falta de profissionalismo, uma série de coisas. Só que não existia o profissional certo para determinadas Unidades. Eram Unidades que a gente costumava chamar de circuito fechado, onde que **[18 o garoto dispunha de um espaço acredito eu de uns 200 metros quadrados, onde se aglomeravam 60 garotos e era nesse espaço você tinha que desenvolver sua atividade diária, tentando até através do esporte tá reciclando algum garoto, revertendo aquele quadro no qual ele se encontrava, e era muito difícil porque as demarcações das quadras, fazia muito sol, o único espaço que tinha disponível era aquela quadra, onde os garotos permaneciam, onde ele desenvolviam atividade, onde ele assistia televisão, onde ele tinha que escutar o rádio e até mesmo onde ele estudava pra escola]**, né. Pro desenvolvimento lá pedagógico que existia lá dentro, então ficava muito difícil, e aí que imperava a demagogia de todos, não porque a Unidade, nós temos um trabalho de desenvolvimento, era tudo no meu modo de ver, na minha opinião era mascarado, era uma coisa muito mascarada, não porque existe o trabalho, não, **[19 não existia o trabalho tá, nessas Unidades do circuito fechado]**, não existia o trabalho, era impossível de se desenvolver isso, e por questões já ditas anteriormente, questões políticas, o pessoal gostava de esclarecer isso, que não porque o meu profissional consegue desenvolver determinada atividade lá dentro, que era totalmente inviável. **[20 Existia uma ficha de relação de atividades que acompanhava o planejamento, né, que o profissional desenvolvia, e essas fichas de atividades eram completamente mascaradas tá, os profissionais que atuavam ali naquelas Unidades eram profissionais que iam lá porque tinham que ir, por imposição de coordenação, imposição de ele ter que realmente ter que ir lá e desenvolver porque ele era o funcionário determinado pra aquele tipo de Unidade, né, onde (...)]** ou ele era conivente com a situação ou ele realmente não

conseguiria desenvolver atividade ali dentro. Era o que acontecia com todo mundo, e a gente encontrava assim alguns profissionais que até gostavam de trabalhar ali, porque ali era impossível de desenvolver alguma coisa, então ficava complicado; e como eu ia dizendo dessas fichas que acompanhavam o planejamento, eram fichas que não eram verdadeiras, né, o profissional ia lá colocava o número de alunos atendidos e atividade desenvolvida, o horário que foi, o que desenvolveu, qual a metodologia que utilizou, e essa ficha era uma inverdade só que precisava constar para o diretor da Unidade, o diretor da divisão, mostrar para apresentar o serviço que vinham desenvolvendo para o presidente da Fundação e isso posteriormente ia subindo hierarquicamente], né. Então eu acredito que ali, aquele como eu disse anteriormente em [21 algumas Unidades, alguns setores de dentro Fundação era impossível de desenvolver qualquer tipo de trabalho, por interferência do quadro funcional da própria Unidade, né, onde se relacionavam monitores, coordenadores, assistente social e diretor de Unidade, uma série de coisas, você vinha com uma proposta de trabalho, você era barrado, por não atender as necessidades dele. - E o que era atender as necessidades dele? - Deixar o garoto quieto lá e não trazer problema pra ele, não trazer dor de cabeça, porque ele sabendo que o garoto dentro da quadra sentado ele tá de olho no garoto não tá causando problema, só que com isso a proposta do trabalho era totalmente perdida], né.

Marcelo: Você tem mais alguma coisa a acrescentar?

Sujeito 1: Olha eu (...) eu como já (...) eu passei um período de três anos dentro da FEBEM, né, e ali dentro eu vejo um futuro muito desastroso, porque a realidade, a existência da fundação, uma existência do que do garoto e que cometeu uma infração, é (...) ele seja recolhido pra lá, a função da unidade, da FEBEM é essa, uma função de recuperação, infelizmente, pelo menos no tempo em que eu permaneci lá, existia uma estruturação técnica, psicólogas, assistentes sociais e professores, uma série de coisas

que existiam lá dentro, só que não eram bem utilizados. Eu acredito que até hoje deva estar assim, né, eu perdi o contato, sai de lá perdi um pouco do contato da realidade daquilo, e eu vejo com muita tristeza, né, porque aquela realidade, daquilo lá, deveria ser outra, né. Porque existe a possibilidade de desenvolver trabalho e tudo mais, mas o que a gente via ali era muita movimentação em época eleitoral, época eleitoral aquilo lá era pintadinho, existiam pessoas que apareciam lá prometendo uma série de coisas para os garotos e tal, passava esse período eleitoral, cai no esquecimento, não existia apoio de ninguém. Até hoje eu vejo nos jornais que o governador tá indo lá pra desenvolver isso, e a gente já sabe como é, uma mentira total. Isso deixa transparecer, né, uma certa tristeza, porque a realidade daquilo lá deveria ser outra, né. Unidades com capacidade prá suportar, pra atender, né, melhor dizendo, um determinado número de garotos, né, menores tal. A sua capacidade era X e ali dentro existia o triplo de garotos, então fica super difícil você desenvolver alguma coisa no sentido de reverter essa situação desses garotos.

REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA I

UNIDADES SIGNIFICADOS	DE	REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA I
1 ... a proposta de Educação Física que existia dentro da FEBEM, nunca foi uma proposta assim tão clara.		1. A proposta de Educação Física na FEBEM nunca foi clara.
2 ... não tinha uma definição do que fazer.		2. Não havia definição do que fazer.
3 ... conforme a situação da Unidade era proposta uma atividade, seja ela qual for dentro do esporte ou até mesmo ocorria do profissional chegar nas Unidades, né, distintas e ter que retornar porque por uma série de fatores não poder desenvolver sua atividade.		3. Dependia de cada Unidade propor sua atividade.
4 ... existia uma proposta assim é pedagógica no papel e tudo mais.		4. Existia uma proposta pedagógica no papel.
5 ... mas na prática mesmo a dificuldade era muito grande de se colocar, né, por uma série de fatores, fatores políticos que na minha opinião e o primeiro lá, que envolvia toda a Fundação, né, interesses políticos; segundo é os casos isolados que aconteciam dentro de cada Unidade e por último os garotos, eu coloco nessa sequência.		5. Era difícil de se por em prática a proposta, devido a interesses políticos, fatores, acontecimentos internos e os menores.
6 ... existia uma proposta concreta, é a nível de papel, pra mostrar, né, a razão da existência da Educação Física, porque muitos até questionavam isso.		6. Existia no papel uma proposta concreta para mostrar a razão da existência da Educação Física.
7 ... quando o profissional queria desenvolver alguma coisa a nível de proposta pedagógica, alguma coisa assim era muito complicado.		7. Desenvolver uma proposta pedagógica era complicado.
8 ... nunca foi clara a proposta.		8. Nunca foi clara a proposta.
9 Cada Unidade era um caso, e eles sempre faziam uma proposta global envolvendo uma série de fatores, que na		9. Fazia-se uma proposta global, uma série de fatores a impossibilitava, cada Unidade era um caso.

realidade era impossível de ser realizados, né, por interferências mil que existiam lá dentro.	
10 ... a gente tinha uma proposta a ser colocado em pratica, né, muito (...) muitas vezes era como eu disse anteriormente, ela não era clara.	10. A proposta a ser colocada em pratica não era clara.
11 ... desenvolvi meu trabalho conforme as características das Unidades em qual permaneci em certos períodos, né, cada Unidade lá na sua faixa etária, na sua divisão que existia lá dentro, né, era realizado um tipo de atividade conforme o seu espaço físico, a gente propunha determinadas situações, né, meu trabalho, particularmente, eu desenvolvi em cima das necessidades de cada Unidade.	11. O trabalho era desenvolvido conforme as características, necessidades e espaço físico de cada Unidade.
12 ... a cultura esportiva da Fundação era voltada para o futebol, quando se apresentava uma proposta diferenciada alguma coisa assim, era muito complicado pra (...) pro pessoal intervir, né, pra colocar realmente em pratica.	12. A cultura esportiva da Fundação era o futebol, era complicado colocar em prática uma proposta diferenciada.
13 O trabalho da escolinha foi um trabalho que se desenvolveu com bases em alguma coisa, não foi em cima de um empirismo, né, que no meu ponto de vista, o tempo que eu permaneci dentro da Fundação predominava bastante, né. Depois que foi desenvolvida a escolinha sim foi trabalhado encima de critérios e metodologias.	13. A escolinha de futebol foi um trabalho desenvolvido com critérios e metodologias.
14 ... esses projetos se perdiam.	14. Os projetos se perdiam.
15 ... o único material didático que existia era a bola, e você improvisar não podia porque o garoto podia tá transformando esse material em algum objeto pra tá atacando a monitoria, isso na visão da monitoria, né, e lógico que você tinha alguns meios de não se tornar isso que a monitoria pensava	15. O único material didático existente era a bola e não se podia improvisar com material estranho, para não ser transformado em arma para uma possível rebelião.

viável, mas a monitoria, a direção de Unidades tal, acreditava que qualquer coisa, qualquer material estranho que entrasse dentro da Unidade poderia se transformar em uma arma, alguma coisa assim pra uma possível rebelião até, né, então era muito complicado você confeccionar algum determinado tipo de material.	
16 ... o planejamento eu desenvolvia conforme as características da Unidade.	16. O planejamento era desenvolvido conforme as características da Unidade.
17 ... existiam certas Unidades no Quadrilátero que era impossível realizar qualquer tipo de atividade.	17. Impossibilidade de realização de atividades em certas Unidades no Quadrilátero.
18 ... o garoto dispunha de um espaço acredito eu de uns 200 metros quadrados, onde se aglomeravam 60 garotos e era nesse espaço você tinha que desenvolver sua atividade diária, tentando até através do esporte tá reciclando algum garoto, revertendo aquele quadro no qual ele se encontrava, e era muito difícil porque as demarcações das quadras, fazia muito sol, o único espaço que tinha disponível era aquela quadra, onde os garotos permaneciam, onde ele desenvolviam atividade, onde ele assistia televisão, onde ele tinha que escutar o rádio e até mesmo onde ele estudava pra escola.	18. A atividade era desenvolvida na quadra, também utilizada para outras atividades da Unidade Educacional.
19 ... não existia o trabalho tá, nessas Unidades do circuito fechado.	19. Inexistência de trabalhos nas Unidades do circuito fechado.
20 ... Existia uma ficha de relação de atividades que acompanhava o planejamento, né, que o profissional desenvolvia, e essas fichas de atividades eram completamente mascaradas tá, os profissionais que atuavam ali naquelas Unidades eram profissionais que iam lá porque tinham que ir, por imposição de coordenação, imposição de ele ter que realmente ter	20. A ficha de relação de atividades não era verdadeira, os profissionais atuavam nestas Unidades por imposição da coordenação.

que ir lá e desenvolver porque ele era o funcionário determinado pra aquele tipo de Unidade, né, onde (...) ou ele era conivente com a situação ou ele realmente não conseguiria desenvolver atividade ali dentro. Era o que acontecia com todo mundo, e a gente encontrava assim alguns profissionais que até gostavam de trabalhar ali, porque ali era impossível de desenvolver alguma coisa, então ficava complicado; e como eu ia dizendo dessas fichas que acompanhavam o planejamento, eram fichas que não eram verdadeiras, né, o profissional ia lá colocava o número de alunos atendidos e atividade desenvolvida, o horário que foi, o que desenvolveu, qual a metodologia que utilizou, e essa ficha era uma inverdade só que precisava constar para o diretor da Unidade, o diretor da divisão, mostrar para apresentar o serviço que vinham desenvolvendo para o presidente da Fundação e isso posteriormente ia subindo hierarquicamente.	
21 ... algumas Unidades, alguns setores de dentro Fundação era impossível de desenvolver qualquer tipo de trabalho, por interferência do quadro funcional da própria Unidade, né, onde se relacionavam monitores, coordenadores, assistente social e diretor de Unidade, uma série de coisas, você vinha com uma proposta de trabalho, você era barrado, por não atender as necessidades dele. - E o que era atender as necessidades dele? - Deixar o garoto quieto lá e não trazer problema pra ele, não trazer dor de cabeça, porque ele sabendo que o garoto dentro da quadra sentado ele tá de olho no garoto não tá causando	21. Impossibilidade de desenvolver qualquer tipo de trabalho em Unidades e setores da FEBEM, por interferência do quadro funcional.

problema, só que com isso a proposta do trabalho era totalmente perdida.	
--	--

REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA II

REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA II	UNIDADES TRANSFORMADAS
1 - 2 - 8 - 10	1. Nunca houve definição do que fazer na proposta de Educação Física na FEBEM.
3 - 9 - 11	2. Cada Unidade era um caso, desenvolvia seus planejamentos conforme suas características e necessidades.
4 - 5 - 6 - 16	3. Existia uma proposta pedagógica concreta e global no papel, para mostrar a razão da existência da Educação Física, mas era difícil de se por em prática, devido a interesses políticos, fatores internos e aos adolescentes.
7 - 12	4. A cultura esportiva na Fundação era a do futebol, era complicado desenvolver uma proposta pedagógica diferenciada.
13	5. A escolinha de futebol foi um trabalho desenvolvido com critérios e metodologias.
14	6. Os projetos se perdiam.
15	7. O único material didático existente era a bola, não era permitido a improvisação de materiais estranhos que poderiam ser transformados em armas.
17 - 19 - 21	8. Impossibilidade de se desenvolver atividades em Unidades do circuito fechado e outros setores da FEBEM, por causa da interferência do quadro funcional.
18	9. A atividade era desenvolvida na quadra, também utilizada para outras atividades da Unidade Educacional.
20	10. A ficha de relação de atividades não era verdadeira, os profissionais atuavam nestas Unidades por imposição

ANÁLISE IDEOGRÁFICA DO SUJEITO 1

A proposta da Educação Física não possuía uma definição clara do que fazer, ficou somente no papel. Cada unidade desenvolvia seu planejamento, conforme sua necessidade e interesses políticos. A cultura esportiva da Fundação era a do futebol, e esta possuía uma metodologia. Havia uma carência de material esportivo e a ficha de relação de atividades era falseada só para atender as exigências da coordenação.

Marcelo: No período de 1992 a 1994, como se mostrou para você a proposta de Educação Física na FEBEM/SP?

Sujeito 2: Sou professor de Educação Física na FEBEM desde 1974 até 1996, foram 22 anos de serviço, né. **[1 No período de 92 a 94 a Educação Física na FEBEM/SP, ela mostrou assim com cunho, assim dirigido para o educacional, houve varias falhas, né, nesse período, mas o mais importante é que existia uma proposta educacional, baseado pela Educação Física]**, isso eu considerava muito importante. Antes do governo Fleury, e houve uma proposta dentro da FEBEM/SP de desinternação que atrapalhou muito a Educação Física, porque os professores eram obrigados a participar do processo de desinternação de alunos. Essa desinternação foi uma desinternação muito aleatória, né. Éramos na ocasião em mais ou menos 20 professores de Educação Física e nós tínhamos que desinternar a maior quantidade de alunos possíveis, para mostrar a população brasileira que a FEBEM, ela estava fazendo alguma coisa. Então essa desinternação foi aleatória, muitos meninos que não tinham condições de ir para comunidade, foram para comunidade, morreram. Muitos meninos passaram depois a assaltos, e morreram, também a sociedade via (...) puxa a FEBEM vai acabar, a FEBEM vai acabar, e não houve um processo aí de orientação educacional, porque os meninos não estavam preparados para desinternação. Isso foi logo quando o governo Fleury assumiu, viu que não tava dando certo esse processo de desinternação, antes de assumir, perdão, antes de assumir ele mandou que cancelassem as desinternações. **[2 Daí veio uma secretária com governo Fleury, ela num (...) ela veio com idéias completamente diferente, mas ela não procurou assim conversar com o setor de Educação Física em nenhum momento. A Educação Física ficou assim completamente marginalizada no tempo da secretária Alda Marco**

Antônio, né. Eu via a Educação Física assim, é (...) relegada a um plano bem inferior mesmo, ela não era considerada dentro do processo educacional]. Falava-se em novas diretrizes educacionais, novas mudanças, né, e [3 as mudanças tinham que acontecer, aconteceram assim muito abruptamente sem o pessoal também estar preparado, como o corpo docente, e muita gente nova que estava entrando na FEBEM naquela ocasião sem experiência, se encontrou completamente desorientada]. Então criou-se na FEBEM/SP dois grupos de funcionários, os funcionários antigos da FEBEM e os funcionários da BANESER, né. [4 Alguns funcionários da BANESER tinham idéias assim fantásticas muito bonitas que deviam ser postas em execução, e algumas foram postas dentro do processo de Educação Física], né. Mas logo em seguida [5 não deu muito certo porque eram propostas só recreacionais] e não visavam assim (...) [6 essas propostas recreacionais elas não seguiam o que já havia sido implantado anteriormente, existiam outras propostas que não foram respeitadas dentro da Educação Física], né, e ficou só no processo de recreação e a nossa clientela como uma clientela muito diversificada, uma clientela muito difícil de ser trabalhada, ela não se complementou com essas novas diretrizes que visava mais só a recreação. Então o que aconteceu? - Aconteceu que [7 a Educação Física passou a ser puramente recreativa, os campeonatos foram relegados a um segundo plano, não existia mais campeonatos, né, não existiam mais competições, o atletismo dentro da FEBEM desapareceu, a natação só tinha recreação, também não teve nenhuma competição de natação e outras modalidades], de sorte que [8 houve muita confusão nessa ocasião na FEBEM de 92 a 94, porque a clientela era uma clientela heterogênea, isto é, eram meninos e meninas e deu-se muita liberdade, uma liberdade excessiva. Agora imagine vocês, uma clientela problemática, diversificada e misturada meninos e meninas com tanta liberdade, originou-se mais tarde um descontrole total que ninguém mais conseguia controlar, nem os funcionários antigos da FEBEM e nem o pessoal novo da BANESER não conseguia controlar, ninguém, né, e não tinha-se parâmetros disciplinares, não

existia parâmetros disciplinares e tudo mostrava que caminhava a situação para um descontrole total uma insubordinação generalizada, conseqüentemente houve aquele desastre horroroso que aconteceu em 92, que colocaram fogo na FEBEM inteira, inclusive naquela ocasião a morte de um menor. Isso foi muito trágico, muito horroroso e dolorido pra gente que vinha de uma FEBEM de 18 anos, né, já vinha de uma FEBEM disciplinada, de uma FEBEM controlada com uma FEBEM desregrada]. [9 Então a gente se viu nessa ocasião com uma confusão de pensamento total, porque a gente como sendo um subordinado, não tendo voz ativa pra nada, a gente tinha que assistir e fazer considerações, considerações educacionais assim: Puxa o meu trabalho não esta produzindo efeito]. E considerações políticas: Puxa [10 cada pessoal que entra na FEBEM faz a FEBEM da sua maneira]. A FEBEM deve ser um órgão puramente técnico e não político. A FEBEM e vista pela sociedade como um lugar de deposito de crianças e adolescentes e a FEBEM deveria ser visto pela sociedade, vista, né, pela sociedade como um local puramente técnico de recuperação de crianças e adolescentes. [11 Infelizmente a política atrapalha consideravelmente qualquer trabalho dentro da FEBEM], da FEBEM de São Paulo, as outras FEBEMs, eu não conheço do Rio de Janeiro e outros, eu não conheço. Mas com 22 anos de FEBEM, eu posso categoricamente dizer que [12 a FEBEM é um órgão puramente político, não é um órgão técnico quando a sua essência, na sua essência deveria ser um órgão puramente técnico, deveria ter pessoas com experiência trabalhando e ensinando as pessoas novas que estavam chegando a participar do processo educacional técnico, né, e não como acontece atualmente, pessoas que trabalhavam em outro departamento na comunidade chegam a FEBEM com cargo de direção e toma conta de tudo]. Eu acho isso totalmente errado, eu acho uma coisa infundada, num processo educacional que deveria estar rolando não acontece. Houve sim durante esse tempo de 92 a 94 algumas tentativas, algumas tentativas para separar um pouco as crianças que estavam muito amontoadas, então criou-se os Internatos. Foram poucos não foram muitos, não chegou a ser meia dúzia, foram poucos Internatos, e esses Internatos abrigavam 40 meninos,

40 adolescentes, e eu participei da vinda desses Internatos, apesar que o espaço físico desses internatos também não foi programado, na construção, pelo educadores. Nunca houve a participação de educadores na programação da construção de um Internato visando um espaço físico para dar aula, para elaborar propostas educacionais, então chega um dia de chuva por exemplo e o professor de Educação Física não pode dar aula no Internato, não tem como dar aula, porque conta com uma pequena quadra e o espaço torna-se muito pequeno. Então nós temos alguns Internato como Parada de Taipas, Internato Franco da Rocha, Internato Guaianazes e estes internatos todos, todos Internatos que nós temos uma meia dúzia, eles são da mesma construção, mesma característica física. Então torna-se difícil qualquer proposta educacional, porque esgota-se os conhecimentos do professor, tendo em vista que ele só conta com aquela quadra para dar aula. Então fica difícil, o espaço físico na Educação Física é uma das coisas fundamentais, torna-se muito complicado dar aula em internato, e como os meninos também não tem outras propostas educacionais, imagine só dar aula no Internato todos os dias, todos os dias de manhã e a tarde Educação Física, chega numa certa situação que você não tem mais o que passar aos meninos. A Educação Física passa a ser então só recreacional e mesmo alguns meninos falam: - Professor hoje eu não quero participar. E muitas vezes, nessa ocasião ele era obrigado a participar, então torna-se anti-educacional, né. Considerando **[13 a Educação Física na FEBEM de 92 a 94, eu como professor não vi nenhum avanço, nenhum avanço pedagógico]**. Não vi! Não vi nenhum avanço! **[14 Existiam muitas teorias elaboradas em papéis, mas elas não foram executadas a contento]**, financeiramente também não houve nenhum recurso para o setor, conseqüentemente não tivemos nenhuma melhoria na parte dos espaços físicos, né, para que se elaborar propostas educacionais. Não houve nenhum recurso econômico! Então **[15 a Educação Física nesse período eu acho que ela foi uma Educação Física que ficou numa grande interrogação]**, né, foi puramente recreacional.

Marcelo: No período de 92 a 94 como você desenvolveu seu trabalho?

Sujeito 2: No período de 92 a 94 é como eu disse no começo, eu procurei mais analisar bem como deveria ser feita essa Educação Física, né, desse período de 92 a 94, e eu participei desses processos recreativos. Se bem que, não era minha modalidade, eu não sou professor de recreação! Eu sou mais professor de atletismo! Eu participei de algumas gincanas, algumas brincadeiras, né, mas eu fiquei assim mais ou menos colocado de lado. Eu me lembro muito bem que eu participava da Educação Física quando havia essas competições de gincana, né, corrida maluca que teve, mas eu ficava mais ou menos de lado, eu não me completava nessa ocasião, eu achava que como ela foi truncada, **[16 a Educação Física, aquelas competições que vinham ocorrendo anteriormente, elas foram deixadas de lado]**, eu também fui mais ou menos ficando de lado. Então eu procurava só dar as minhas aulas normalmente assim, né, sem participar muito do processo recreacional.

Marcelo: Você tem mais alguma coisa acrescentar ?

Sujeito 2: Nesse período de 92 a 94! Eu tenho a acrescentar a política né, a política é que estraga tudo, política! Meu Deus do céu como **[17 a política é terrível dentro da FEBEM, né. Um órgão que era pra ser como eu já disse puramente técnico, é um órgão essencialmente político, terrivelmente político, [18 tira-se pessoas que estão desenvolvendo propostas educacionais, né, como se tirasse uma e falasse esse já não serve mais, pega, põe outro no lugar, mas põe um outro no lugar, que veio lá de cima da política]** para não fazer nada, vamos dizer assim, ganhando o dobro do que aquele coitado que tava trabalhando ali, né, tava trabalhando, que tava dando sua aula, que tava desenvolvendo alguma coisa. Então eu sou uma pessoa também muito revoltada quando se fala em FEBEM, porque eu não esperava também que agora em 1996 eles me desconsiderassem como professor, como fui

desconsiderado, né. Mas tudo bem, a vida é assim mesmo, a gente tem que tocar para frente, e a gente vai procurar dar a volta por cima, né, fazer aquilo que a gente sempre soube fazer que é trabalhar dentro da Educação Física. Então a única coisa que eu considero dentro da FEBEM, que pode magoar qualquer futuro candidato a professor dentro de uma Fundação que nem FEBEM, é que a pessoa precisa ser muito desprendida assim do seu eu, para participar e não esperar resultado de carreira, não esperar resultado nenhum na função de professor de Educação Física, aliás dentro da parte espiritual eu me considero realizado, dentro da parte espiritual né, pela FEBEM eu me considero realizado dentro da parte de carreira, de Funcionário não, eu sempre fui marginalizado como são marginalizados os meninos, né, os meninos são totalmente marginalizados. Mas dentro da parte espiritual que eu acho a coisa mais importante, eu me considero realizado, então eu sou uma pessoa feliz, né, eu me considero um professor de Educação Física feliz, feliz. E só isso que eu tenho a falar. Obrigado.

REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA I

UNIDADES DE SIGNIFICADOS	REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA I
1 No período de 92 a 94 a Educação Física na FEBEM/SP, ela mostrou assim com cunho, assim dirigido para o educacional, houve varias falhas, né, nesse período, mas o mais importante é que existia uma proposta educacional, baseado pela Educação Física.	1. A proposta de Educação Física no período de 92 a 94 era educacional.
2 Daí veio uma secretária com governo Fleury, ela num (...) ela veio com idéias completamente diferente, mas ela não procurou assim conversar com o setor de Educação Física em nenhum momento. A Educação Física ficou assim completamente marginalizada no tempo da secretária Alda Marco Antônio, né. Eu via a Educação Física assim é (...) relegada a um plano bem inferior mesmo, ela não era considerada dentro do processo educacional.	2. A Educação Física ficou relegada a um plano inferior no tempo da Secretária Alda Marco Antônio.
3 ... as mudanças tinham que acontecer, aconteceram assim muito abruptamente sem o pessoal também estar preparado, como o corpo docente, e muita gente nova que estava entrando na FEBEM naquela ocasião sem experiência, se encontrou completamente desorientada.	3. Aconteceram mudanças abruptas, sem a preparação do corpo docente ou orientação dos novos funcionários que entraram na FEBEM.
4 Alguns funcionários da BANESER tinham idéias assim fantásticas muito bonitas que deviam ser postas em execução, e algumas foram postas dentro do processo de Educação Física.	4. Foram colocadas em prática algumas idéias de funcionários do BANESER no processo de Educação Física.
5 ... não deu muito certo porque eram propostas só recreacionais.	5. As propostas recreativas não deram certo.

6 ... essas propostas recreacionais elas não seguiam o que já haviam sido implantado anteriormente, existiam outras propostas que não foram respeitadas dentro da Educação Física.	6. As propostas recreacionais não seguiam o que havia sido implantado anteriormente.
7 ... a Educação Física passou a ser puramente recreativa, os campeonatos foram relegados a um segundo plano, não existia mais campeonatos, né, não existiam mais competições, o atletismo dentro da FEBEM desapareceu, a natação só tinha recreação, também não teve nenhuma competição de natação e outras modalidades.	7. A Educação Física passou a ser recreativa.
8 ... houve muita confusão nessa ocasião na FEBEM de 92 a 94, porque a clientela era uma clientela heterogênea, isto é, eram meninos e meninas e deu-se muita liberdade, uma liberdade excessiva. Agora imagine vocês, uma clientela problemática, diversificada e misturada meninos e meninas com tanta liberdade, originou-se mais tarde um descontrole total que ninguém mais conseguia controlar, nem os funcionários antigos da FEBEM e nem o pessoal novo da BANESER não conseguia controlar, ninguém, né, e não tinha-se parâmetros disciplinares, não existia parâmetros disciplinares e tudo mostrava que caminhava a situação para um descontrole total uma insubordinação generalizada, conseqüentemente houve aquele desastre horroroso que aconteceu em 92, que colocaram fogo na FEBEM inteira, inclusive naquela ocasião a morte de um menor. Isso foi muito trágico, muito horroroso e dolorido pra gente que vinha de uma FEBEM de 18 anos, né, já vinha de uma FEBEM disciplinada, de uma FEBEM	8. O período de 92 a 94 foi de confusão, a liberdade excessiva dada aos meninos e meninas, originou um descontrole.

controlada com uma FEBEM desregrada.	
9 Então a gente se viu nessa ocasião com uma confusão de pensamento total, porque a gente como sendo um subordinado, não tendo voz ativa pra nada, a gente tinha que assistir e fazer considerações, considerações educacionais assim: Puxa o meu trabalho não está produzindo efeito.	9. Nesse período o trabalho dos professores não estava produzindo efeito.
10 ... cada pessoal que entra na FEBEM faz a FEBEM da sua maneira.	10. Cada pessoa que entra na FEBEM, a faz da sua maneira.
11 Infelizmente a política atrapalha consideravelmente qualquer trabalho dentro da FEBEM.	11. A política atrapalha qualquer trabalho na FEBEM.
12 ... a FEBEM é um órgão puramente político, não é um órgão técnico quando a sua essência, na sua essência deveria ser um órgão puramente técnico, deveria ter pessoas com experiência trabalhando e ensinando as pessoas novas que estavam chegando a participar do processo educacional técnico, né, e não como acontece atualmente, pessoas que trabalhavam em outro departamento na comunidade chegam a FEBEM com cargo de direção e toma conta de tudo.	12. A FEBEM é um órgão político e não técnico.
13 ... a Educação Física na FEBEM de 92 a 94, eu como professor não vi nenhum avanço, nenhum avanço pedagógico.	13. Não houve nenhum avanço pedagógico na Educação Física na FEBEM de 92 a 94.
14 Existiam muitas teorias elaboradas em papéis, mas elas não foram executadas a contento.	14. Existiam teorias elaboradas em papéis, mas não foram executadas a contento.
15 ... a Educação Física nesse período eu acho que ela foi uma Educação Física que ficou numa grande interrogação.	15. A Educação Física nesse período ficou em uma grande interrogação.
16 ... a Educação Física, aquelas competições que vinham ocorrendo anteriormente, elas foram deixadas de lado.	16. As competições na Educação Física, foram deixadas de lado.

17 ... a política é terrível dentro da FEBEM, né. Um órgão que era pra ser como eu já disse puramente técnico, é um órgão essencialmente político.	17. A FEBEM é um órgão essencialmente político.
18 ... tira-se pessoas que estão desenvolvendo propostas educacionais, né, como se tirasse uma e falasse esse já não serve mais, pega, põe outro no lugar, mas põe um outro no lugar, que veio lá de cima da política.	18. Tira-se pessoas que desenvolve propostas educacionais e coloca outro que veio da política.

REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA II

REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA II	UNIDADES TRANSFORMADAS
1	1. A proposta de Educação Física no período de 92 a 94 era educacional.
2 - 13 - 15	2. A Educação Física ficou em segundo plano na época da Secretária Alda Marco Antônio, não houve avanço pedagógico.
3	3. Aconteceram mudanças abruptas, sem a preparação do corpo docente ou orientação dos novos funcionários que entraram na FEBEM.
4 - 6 - 7 - 16	4. A Educação Física passou a ser recreativa, não seguindo o que havia sido implantado anteriormente, as competições foram deixadas de lado.
5	5. As propostas recreativas não deram certo.
8	6. O período de 92 a 94 foi de confusão, a liberdade excessiva dada aos meninos e meninas, originou um descontrole.
9	7. Nesse período o trabalho dos professores não estava surtindo efeito.
10	8. Cada pessoa que entra na FEBEM, a faz da sua maneira.
11 - 12 - 17 - 18	9. A FEBEM é um órgão político e não técnico, que atrapalha qualquer trabalho, tira-se pessoas que desenvolve propostas educacionais e coloca-se outro que veio da política.
14	10. Existiam teorias elaboradas em papéis, mas não foram executadas a contento.

A proposta de Educação Física era educacional e de caráter recreativo e não competitivo. Havia uma proposta teórica no papel, porém, não foi executada a contento, pois as mudanças foram abruptas, sem a preparação do corpo docente e os funcionários estavam desorientados. A FEBEM é um órgão político e não técnico, o que atrapalha qualquer trabalho educacional.

Marcelo: No período de 1992 a 1994, como se mostrou para você a proposta de Educação Física na FEBEM/SP?

Sujeito 3: É, durante esse período que antecedeu, esse período que você colocou, eu já estava aqui, né, então eu tive a oportunidade de passar por várias fases, dentre as quais essa aí que você esta colocando de 92 a 94. [1 A proposta me parecia válida, ela acabou não vingando acredito que por conta de uma série de circunstâncias que já são comuns às instituições, como a FEBEM, do Estado em geral, né. A gente esbarra em muitas questões burocráticas, falta de investimento no profissional para o seu desenvolvimento, e alguns cursos que são oferecidos, nem sempre são compatíveis com aquilo que ele desenvolve no dia-a-dia. Não adianta colocar um profissional pra fazer um curso de técnico de futebol com Telê Santana se o universo do trabalho dele não vai poder sair muito aqui do âmbito da FEBEM]. Por conta das circunstâncias limitativas, por trabalhar com menores infratores que estão num regime fechado, não podem sair daqui, só quando o juiz autoriza, então tudo isso acaba sendo redundância, colocar um curso dessa natureza pra um profissional que trabalha aqui. Além desse aspecto, a gente tem que considerar também que [2 a Educação Física pela sua própria natureza preconiza um trabalho de libertação, em meio aberto, em contato com a natureza pra que o menino possa se criar, se manifestar e isso se contrapõe, em muito, aos aspectos que se espera de um menino internado aqui na FEBEM, né, ele já é limitado dependendo do seu grau de infração, até na sua forma de andar, tem que andar com a mão pra trás e aquela história toda]. [3 Nesse período de 92 a 94, a gente vivenciou uma fase, um pouco fora desse contexto, né, tentou promover uma abertura, só que essa abertura para os meninos, como foi talvez de uma forma muito rápida, eles também não souberam usar dessa liberdade, dessa liberdade

de se expressar, dessa liberdade de participar das atividades], foi uma época em que os meninos saíam sem monitoria das casas pra freqüentar a escola, os cursos profissionalizantes, as aulas e o que aconteceu? Esse processo todo cuminou com incêndio, que tá aí, a nossa vista até hoje, né, que foi o incêndio da sede e a destruição de 80% do patrimônio da FEBEM da época, né. **[4 Então o que a gente percebe com a experiência que se tem aqui é que nada pode ser de muito absoluto, nem muita liberdade e nem muita restrição a liberdade, que até hoje não se fez um trabalho que conseguisse encontrar um meio termo entre essas duas situações, que permitisse ao menino melhorar sua condição psicomotora, sua condição de pessoa mesmo, por tá demonstrando pra ele a importância de tudo isso que a FEBEM oferece]** pra ele, um curso de profissionalização, escolarização, a prática da Educação Física e, por outro lado, de estar tentando reverter **[5 essa mentalidade dos juízes da Vara da Infância e da Juventude, que acabam não dando credibilidade pra esses meninos, porque se a gente for analisar quando surge alguma possibilidade de participação externa da FEBEM, eles são muito criteriosos e tal, e acabam não permitindo que grande número de alunos saiam daqui, pra participar fora de uma coisa que, poderia dar um retorno muito positivo pra ele mesmo];** porque eles se prendem a papeis, a relatórios e muitas vezes simplesmente ao grau de infração que o menino tem e o crime que ele cometeu; então o Judiciário na verdade está muito afastado da realidade do dia-a-dia dos meninos, sei que seria utópico imaginar que um juiz viesse aqui todos os dias pra ver o menino e tal. Mas algum mecanismo devia ser criado, intermediário, para que o acompanhamento aos jovens, que estão aqui internados, fosse mais efetivo e que pudesse se avaliar com mais clareza, com mais veracidade o que eles realizam e o que deixam de realizar também. Porque a gente teve uma experiência a pouco tempo de participação do torneio da Secretaria de Esporte e Turismo do DEFE, né, torneio de futebol, e a gente viu o quanto foi gratificante, embora não tenhamos passado da primeira fase, mas para os meninos, estarem competindo com meninos da idade deles entendeu, com iguais, né. Só que a gente

tinha dentro da nossa equipe dois tipos de jogadores, né; a gente tinha jogadores que estavam inscritos e que só podiam participar das partidas aqui dentro, porque não poderiam jogar quando os jogos eram fora, porque o juiz não tinha autorizado a saída deles e outro tipo de jogador que era aquele que nem seria titular pelas condições técnicas, mas que era porque o grau de infração dele era menor, ele acabava tendo essa possibilidade de sair pra jogar fora. Então ficava uma situação muito complicada, porque se eu equilibrava um jogo aqui dentro, porque podia contar com a equipe toda e fora daqui acabava ficando difícil de alcançar algum resultado melhor, por conta dessa situação, sem contar que quando se forma uma equipe fora daqui o universo de escolha é muito maior, né, a gente participou da categoria infantil de 12 a 14 anos e a gente só tinha 120 alunos dessa faixa etária internados aqui. Desses 120 a gente teve que selecionar 22 e pedir essa autorização judicial que veio negada pra 8, se não me falha a memória. Então **[6 isso tudo acaba desmotivando até mesmo o profissional de Educação Física, que se vê limitado a estar promovendo atividades somente aqui de âmbito interno]**, a gente sabe que na própria formação acadêmica é muito enfatizado essa questão de ser o técnico desportivo, o técnico do voleibol, o técnico do futebol de salão, de handebol, de basquetebol, enfim das modalidades, esse desejo não dá pra realizar no trabalho que a gente faz aqui, a não ser nas competições de âmbito interno de uma Unidade contra a outra, né. **[7 A gente já naquela época conseguiu fazer um trabalho, trazer o pessoal da comunidade pra jogar aqui dentro, foi uma abertura nova]**, **[8 foi também positivo, mas fica faltando esse lado de poder sair, para participar também fora daqui]**, né. **[9 Então eu acho que foi um período bom]**, só foi, **[10 eu, acho mal trabalhado com os garotos, foi uma mudança muito rápida na realidade, que eles vivenciavam antes dessa fase de 92 a 94. Talvez se a coisa tivesse acontecido mais paulatinamente, né, com mais graduação, a coisa tivesse surtido um efeito melhor do que acabou surtindo]**.

Marcelo: No período de 1992 a 1994 como você desenvolveu seu trabalho?

Sujeito 3: Nesse período de 92 eu era professor de Educação Física ainda, foi uma época que a gente teve a diretoria mudada aqui no setor de Educação Física com a vinda da Cecília, que foi uma pessoa indicada pela direção, com o objetivo de estar mudando o tipo de trabalho que era realizado aqui, e nessa época [11 eu era professor de Educação Física e atuava, como tal, no trabalho voltado mais para estar tirando os meninos da Unidade, pra fazer atividades nos espaços pertinentes aqui a nossa área, que graças a Deus a gente pode dizer que não são muito restritos, né, a gente tem quatro campos de futebol, três quadras, uma piscina e nessa época eu trabalhava na U.E.11 e fazia esse trabalho, estar cumprindo horários, que já eram determinados e tirar o grupo de alunos dessa casa para atividades nesse espaço]. Na fase seguinte eu comecei a trabalhar como coordenador de um grupo de professores, continuava com meu cargo de professor de Educação Física, mas a minha função já era de estar dirigindo um grupo que trabalhava com quatro Unidades e com oito profissionais, fazendo um trabalho de supervisão e de acompanhamento dessas atividades. Até 94 eu fiquei nessa condição né, em meados de 94 eu fui promovido a encarregado de setor, que é o cargo que eu ocupo até hoje aqui na FEBEM. Nessa época foi uma época, como eu já disse na resposta da primeira questão, né, [12 foi uma época difícil, porque a gente começou a lidar com o outro lado, que era uma amplitude no trabalho com os garotos]. Então foi uma época que na fase final aí, [13 a gente já não estava mais conseguindo suportar, porque a gente via com frequência os meninos desrespeitando funcionários, usando drogas, mantendo relações sexuais com as meninas que eram aqui internadas na época, então foi uma época no meu entender que a coisa chegou a um grau muito ruim, né, na parte final], mas [14 no início do trabalho a coisa foi um trabalho bom, foi um trabalho diferente, porque a gente não já trabalhava individualmente com os garotos, a gente trabalhava geralmente ou em dupla com um grupo maior de profissionais. Foi uma época que a gente teve oportunidade de ter uma ampliação no quadro de funcionários que já vinha deficitário a anos, né, foi a época que entrou o pessoal pelo BANESER, né, pra prestar serviço na FEBEM, e a gente

chegou a um número de se não me engano de 36 profissionais a mais], né. Nessa época trabalhando especificamente na área de Educação Física, quero dizer, sem dúvida um grupo grande como esse, acaba proporcionando para quem está ao lado sempre um crescendo, porque por mais que você saiba, [15 sempre você tinha técnicos recém-formados, recém saídos da faculdade, tinham tido matérias que a gente nem tinha tido, né. Na nossa época, eu por exemplo me formei em 86, na minha época não havia nutrição, musculação, uma série de matérias que hoje são obrigatórias no curso de Educação Física, isso acabou favorecendo um enriquecimento pessoal e um enriquecimento no trabalho com os meninos], porque eles acabaram convivendo, com uma realidade também diferente daquela que eles vinham tendo aqui no decorrer dos anos, né. [16 Foi uma época que a gente conseguiu promover alguns eventos de âmbito interno, que foram muito interessantes, havia uma relação grande com a Secretaria da Criança, que acabou fazendo alguns trabalhos em conjunto com a gente], então [17 é difícil falar dessa época como completamente negativa ou completamente positiva, teve tanto aspectos positivos, quanto aspectos negativos, né. Como eu já coloquei, eu acho que isso faz parte mesmo do processo], né, nunca a gente vai chegar a uma fase de trabalho aqui em que tudo sejam flores ou que tudo sejam espinhos, sempre a gente está sujeito a conviver com dificuldades e com coisas positivas também. Mas [18 é uma época que eu lembro com saudade, principalmente no que se refere no início dessa fase, né, que foi uma época em que a gente conseguia ver estampado no rosto dos alunos, né, o interesse pela prática da Educação Física, em conhecer coisas novas nas diversas modalidades em que a gente trabalhava na época, me lembro bem do atletismo, quando a gente começou a trabalhar com salto em altura, então a molecada a princípio ficou meio retraída, mas que depois foi se soltando]. Claro que num grupo grande assim de profissionais, sempre existem divergências pessoais, um acaba não se dando bem, a gente passou por um período difícil, porque um grupo era contratado pela empresa tal e outro era pela FEBEM. Haviam algumas divergências na questão de benefícios que os funcionários do

BANESER possuíam e os da FEBEM não, ora uns eram mais privilegiados, ora outros. Isso no começo provocou um certo acirramento, né, mas que com o passar do tempo, acho que pela própria índole, né, pela natureza de quem trabalha com a área da Educação Física, acabou sendo superada. A gente acabou formando um grupo coeso, um grupo que trabalhava junto, que dividia dificuldades, né, e procurava sanar junto, quando aparecia algum tipo de problema, acho que esse é um trabalho que tem que ser feito, né, um trabalho em grupo, um trabalho de dinamismo, um trabalho em busca de resultado. Hoje a gente pode dizer que o grau de recuperação, o índice de recuperação dos alunos que passam por aqui, tanto nessa época, quanto naquela época tá muito aquém do que a gente gostaria que fosse, um percentual mínimo acaba não reincidindo, né. A maioria deles acabam saindo daqui e voltando ao caminho da marginalidade, a gente passa aqui por uma situação meio que frustrante, quando a gente percebe que o menino que entra aqui com 12 anos, claro que não são todos, né, uma parte desse grupo, a gente acaba encontrando depois de anos na Unidade para Jovens Adultos, que têm de 18 a 20 anos, saindo daqui, né. Então isso denota uma falha não só do nosso trabalho, mas de uma política governamental mais adequada, de uma coisa maior, de uma macrosituação que não permite que esses meninos acabem saindo dessa marginalidade, dessas dificuldades. A gente vê com preocupação que no decorrer dos anos, mesmo nessa época de 92 a 94 e até em 96 o índice de marginalidade não tenha diminuído, né, os números sejam cada vez mais alarmantes, o número de internos acabe sendo cada vez mais ampliado, a gente tem que estar criando novas Unidades aí pra tá abarcando, né, toda essa população que comete infração nessa idade de 12 a 18 anos. E isso a gente vê com uma certa magoa né, porque a gente esperava que o rumo que nosso país tomasse no decorrer dos anos fosse de estar melhorando, e acho que aqui a gente sentiria muito bem o reflexo de uma melhoria na condição de vida das pessoas, né, e realmente isso não ocorre. A gente sente que tem que haver um investimento muito maior nessa população, que tá em início de carreira, entre aspas digamos assim, né, que são esses meninos de 12 e 13 anos, que a gente tem aqui e

mesmo naqueles carentes e abandonados, né, que é uma outra facção de trabalho da FEBEM, porque isso tudo acaba se refletindo na vida futura dessas crianças, né, elas acabam partindo pra marginalidade mesmo. Então [19 foi uma época boa em alguns aspectos como eu já frisei e ruim em outros], [20 infelizmente eu acho que, por outro lado, também não foi dado um tempo suficiente, para que esse trabalho pudesse mostrar resultados], né. [21 A FEBEM vive essa realidade de instabilidade, por ser um órgão em que a política partidária acaba se refletindo diretamente aqui, existe todo um fisiologismo, né, uma colocação de pessoas de confiança, às vezes nem tanto por capacidade técnica, mas por conhecimentos, né, por QIs, né, que a gente chama assim entre aspas; e a questão de mudança de governo a cada quatro anos né, geralmente mudam os partidos quando se troca o governo e aí muda a mentalidade, muda a prioridade, claro que nem todo governador prioriza o mesmo campo, uns priorizam mais a saúde, outros priorizam mais a educação, outros priorizam mais a habitação, e a gente sente reflexo aqui na pele, no dia-a-dia]. Eu sei que sua pergunta se remeteu a época de 92 a 94, eu falei muito do presente também, mas só pra ilustrar essa situação como eu já coloquei, acho que nós tínhamos trinta e seis a trinta e oito profissionais no quadro de Educação Física dessa época de 92 a 94, hoje nós temos nove, quer dizer a gente tá passando por uma fase em que obviamente a qualidade do trabalho vai se perdendo, até pelo número de profissionais que a gente tem, e não sei se o futuro não denota aí, até uma (...) com que isso se acabe, né, com que [22 esse tipo de trabalho que é tão atrativo pros meninos, porque atividade física pra eles é uma coisa que desde a época em que eu entrei aqui passando por 92 a 94, que é a época que a gente tá se remetendo, até os dias de hoje, é uma atividade que causa grande impacto pra eles, que é a atividade pela qual eles tem mais interesse, eles talvez, por estarem num regime de contenção de liberdade, com certeza necessitam desse espaço, pra poder se manifestar corporalmente, se libertar um pouco, até em âmbito psicológico], né, porque não dá pra você ficar com a mão pra trás, não que essa seja a linha hoje, mas já foi, na época tentou-se mudar. Mas a gente percebe que muito da

época de 92 a 94 não aconteceu porque a mentalidade dos funcionários que aqui já existiam, era de que a FEBEM tem que ser um sistema de contenção absoluta, e que se o caminho era esse da liberdade, eles não queriam estar envolvidos. Houve certamente um certo cruzamento de braços nessa época, que acabou favorecendo a essa distorção do que era o objetivo, de certo também não era possível mudar todas as peças do quadro funcional da FEBEM e tal. Mas com certeza muita gente se sentia incomoda com aquela situação de ver os meninos transitarem livremente aqui dentro, de usarem roupas que eram trazidas de fora, né, o tênis bonito, uma roupa de marca e tal, quando interiormente julgavam que o menino tinha que usar uniforme da FEBEM entendeu, ter que andar com a mão pra trás e tudo mais. Então acabava tendo que discursar uma coisa que interiormente não achava correta, né, sem dúvida isso também foi um fator que desencadeou essa situação, que se deu em outubro de 92 onde teve aquela grande rebelião na FEBEM, e que foi destruído todo o patrimônio, e que culminou acabando com o trabalho dessa gestão, que entrou nessa época, né. Foi uma época que o diretor de divisão da área educacional, acabou colocando o cargo dele a disposição e como a gente é vinculado a essa área educacional, nossa diretora por conseguinte saiu junto, e assim como os outros diretores que estavam ocupando os cargos de confiança, que tinham sido colocados por esse diretor de divisão, que era o seu Nelson na época. Então começou novamente um outro trabalho, quer dizer houve uma ruptura e aí se começa tudo de novo, aí já tentando implantar uma linha mais severa, de exigência maior de conduta, de disciplina, de comportamento dos meninos, né. Então acho fundamentalmente que é isso, a FEBEM geralmente faz um trabalho de não aperfeiçoar o que já foi feito de bom, né, geralmente quando uma coisa flui positivamente ela continua acontecendo, se não der certo acaba-se com ela de uma vez e se começa um trabalho novo, ao invés de aperfeiçoar e tentar melhorar aquilo que não estava funcionando nesse trabalho que tava acontecendo anteriormente, né. [23 Eu particularmente vejo com saudade essa época de 92 a 94, porque foi uma época que sem dúvida, em certa medida, a gente pôde dizer que houve um investimento

na nossa área, no nosso campo que é a área de Educação Física, até mesmo pelo o número de profissionais que foram colocados já aqui nessa explanação, que sem dúvida faziam um trabalho de uma qualidade técnica muito melhor, né, do que a gente pode fazer hoje, tanto em números, na forma de trabalhar], né. A gente, hoje, tem lugares que a gente chama de circuito grave, que a saída dos meninos pra pratica desportiva nessas áreas que a gente dispõe aqui, que é a academia de musculação, uma academia de ginástica, uma sala de ginástica, três campos de futebol da praça esportiva, a piscina e as três quadras, é muito restrito, a gente acaba se limitando a fazer esse trabalho com as Unidades do circuito médio, assim considerados os meninos que tem um grau de infração de menor periculosidade. Acho que é isso.

Marcelo: : Você tem mais alguma coisa a acrescentar?

Sujeito 3: Acrescentar, eu gostaria de colocar somente que eu espero que pro futuro, né, vai aqui uma mensagem de otimismo, né, a política, né, do governo federal, estadual e dos governos municipais acabem por melhorar essa condição, a condição social da população, né, com surgimento de (...) com a criação de empregos, com uma melhoria na qualidade salarial, com uma maior possibilidade de poder aquisitivo pras camadas mais pobres, maior oportunidade, maior acesso a educação, acho muita positiva por exemplo a idéia do salário educação que já existe em alguns Estados, de que se pague pra que os meninos da favela (...) pague um percentual para família pra que o menino de uma favela freqüente a escola, ao invés de sair pra esses subempregos aí, de vender no farol e tal, porque acho que esse é o caminho realmente de reversão desse processo de infração na juventude, né. Por outro lado a gente vê também que parte, claro que uma parcela muito inferior da nossa clientela vem de família classe média e média-alta, em busca de aventura, por uma questão muito relacionada com drogas e tudo mais, e que se invista também em campanhas de esclarecimento, de tentar fazer campanhas nas escolas, de fazer campanha nos locais em que esses jovens

freqüentam, né, como uma tentativa de estar mostrando pra eles a importância de cuidado e respeito com o próprio corpo, né, porque fica difícil, né, da gente vivenciar uma situação que tenham acesso às melhores escolas, aos melhores lugares, freqüentam shopping e tudo mais, acabem se aventurando, né, pela falta de motivação, pela falta de meios pra tá se divertindo e tal, né. Eu acho que isso também é uma coisa que tem que ser pensada, tem (...) a política tem que adequar mais ao momento que o Brasil vive hoje, eu acho que com certeza se essas coisas, se esse tipo de trabalho for realizado, acho que vai minimizar e muito o trabalho que a gente realiza aqui, e talvez é uma questão bastante controversa essa que eu vou colocar agora, porque não pensar numa maioria penal aos 16 anos de idade, já que a gente percebe que a gente pega meninos aqui com 17 e 18 anos e que realmente fica difícil qualquer tentativa de trabalho de resgate, pelo nível, pela profundidade com que esse menino já está enraizado né, com a marginalidade, né, a gente já teve casos aqui de ter meninos com 12, 11 homicídios, quer dizer é uma coisa que fica absolutamente difícil de aceitar, né, por conta de uma realidade que se vive aqui no Brasil. Talvez as leis penais não sejam severas o bastante pra poder notar o quanto vale uma vida, né, a gente percebe que grande parte desses meninos não tem a menor timidez pra apertar um gatilho, né, e isso é uma coisa muito preocupante, porque se esse trabalho de regressão não for realizado, a gente fica até temendo pelo o que será das gerações futuras aí, né, das gerações dos nossos filhos e dos nossos netos que estão hoje vindo ao mundo. Acho que era isso.

REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA I

UNIDADES DE SIGNIFICADOS	REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA I
1 A proposta me parecia válida, ela acabou não vingando acredito que por conta de uma série de circunstâncias que já são comuns às instituições, como a FEBEM, do Estado em geral, né. A gente esbarra em muitas questões burocráticas, falta de investimento no profissional para o seu desenvolvimento, e alguns cursos que são oferecidos, nem sempre são compatíveis com aquilo que ele desenvolve no dia-a-dia. Não adianta colocar um profissional pra fazer um curso de técnico de futebol com Telê Santana se o universo do trabalho dele não vai poder sair muito aqui do âmbito da FEBEM.	1. A proposta parecia válida, não vingou por questões burocráticas, falta de investimento no profissional.
2 ... a Educação Física pela sua própria natureza preconiza um trabalho de libertação, em meio aberto, em contato com a natureza pra que o menino possa se criar, se manifestar e isso se contrapõe, em muito, aos aspectos que se espera de um menino internado aqui na FEBEM, né, ele já é limitado dependendo do seu grau de infração, até na sua forma de andar, tem que andar com a mão pra trás e aquela historia toda.	2. A Educação Física por sua natureza possibilita a manifestação do menino, se contrapondo a limitação do interno que é esperada pela FEBEM.
3 Nesse período de 92 a 94, a gente vivenciou uma fase, um pouco fora desse contexto, né, tentou promover uma abertura, só que essa abertura para os meninos, como foi talvez de uma forma muito rápida, eles também não souberam usar dessa liberdade, dessa liberdade de se	3. No período de 92 a 94 tentou-se promover uma abertura rápida, que não foi entendida pelos internos.

expressar, dessa liberdade de participar das atividades.	
4 Então o que a gente percebe com a experiência que se tem aqui é que nada pode ser de muito absoluto, nem muita liberdade e nem muita restrição a liberdade, que até hoje não se fez um trabalho que conseguisse encontrar um meio termo entre essas duas situações, que permitisse ao menino melhorar sua condição psicomotora, sua condição de pessoa mesmo, por tá demonstrando pra ele a importância de tudo isso que a FEBEM oferece.	4. Não se encontrou um meio termo que permitisse ao menino melhorar suas condições psicomotoras e de pessoa.
5 ... essa mentalidade dos juízes da Vara da Infância e da Juventude, que acabam não dando credibilidade pra esses meninos, porque se a gente for analisar quando surge alguma possibilidade de participação externa da FEBEM, eles são muito criteriosos e tal, e acabam não permitindo que grande número de alunos saiam daqui, pra participar fora de uma coisa que, poderia dar um retorno muito positivo pra ele mesmo.	5. Os juízes da Vara de Infância e Juventude não dão credibilidade aos meninos, não permitindo que participem de atividades fora da FEBEM.
6 ... isso tudo acaba desmotivando até mesmo o profissional de Educação Física, que se vê limitado a estar promovendo atividades somente aqui de âmbito interno.	6. Desmotivação do profissional de Educação Física, por estar limitado as atividades de âmbito interno.
7 A gente já naquela época conseguiu fazer um trabalho, trazer o pessoal da comunidade pra jogar aqui dentro, foi uma abertura nova.	7. Foi positiva a possibilidade de trazer o pessoal da comunidade para jogar.
8 ... foi também positivo, mas fica faltando esse lado de poder sair, para participar também fora daqui.	8. A falta da possibilidade de participar fora.
9 Então eu acho que foi um período bom.	9. Foi um período bom
10 ... eu, acho mal trabalhado com	10. A mudança rápida na realidade

os garotos, foi uma mudança muito rápida na realidade, que eles vivenciavam antes dessa fase de 92 a 94. Talvez se a coisa tivesse acontecido mais paulatinamente, né, com mais graduação, a coisa tivesse surtido um efeito melhor do que acabou surtindo.	que os garotos viviam antes de 92 a 94 foi mal trabalhada.
11 ... eu era professor de Educação Física e atuava, como tal, no trabalho voltado mais para estar tirando os meninos da Unidade, pra fazer atividades nos espaços pertinentes aqui a nossa área, que graças a Deus a gente pode dizer que não são muito restritos né, a gente tem quatro campos de futebol, três quadras, uma piscina e nessa época eu trabalhava na U.E.11 e fazia esse trabalho, estar cumprindo horários, que já eram determinados e tirar o grupo de alunos dessa casa para atividades nesse espaço.	11. O professor desenvolvia atividades em espaços poliesportivos internos, retirando os meninos da Unidade Educacional.
12 ... foi uma época difícil, porque a gente começou a lidar com o outro lado, que era uma amplitude no trabalho com os garotos.	12. Foi uma época difícil, por lidar com a amplitude no trabalho com os garotos.
13 ... a gente já não estava mais conseguindo suportar, porque a gente via com frequência os meninos desrespeitando funcionários, usando drogas, mantendo relações sexuais com as meninas que eram aqui internadas na época, então foi uma época no meu entender que a coisa chegou a um grau muito ruim, né, na parte final.	13 Foi uma época que chegou a um grau ruim, os meninos desrespeitando funcionários, usando drogas, mantendo relações sexuais com as meninas internadas na época.
14 ... no início do trabalho a coisa foi um trabalho bom, foi um trabalho diferente, porque a gente não já trabalhava individualmente com os garotos, a gente trabalhava geralmente ou em dupla com um grupo maior de profissionais. Foi uma época que a gente teve oportunidade de ter uma ampliação no quadro de funcionários	14 No início do trabalho foi bom, houve a ampliação do quadro de funcionários, com a entrada do pessoal do BANESER para prestar serviço na FEBEM.

que já vinha deficitário a anos, né, foi a época que entrou o pessoal pelo BANESER, né, pra prestar serviço na FEBEM, e a gente chegou a um número de se não me engano de 36 profissionais a mais.	
15 ... sempre você tinha técnicos recém-formados, recém saídos da faculdade, tinham tido matérias que a gente nem tinha tido, né, na nossa época, eu por exemplo me formei em 86, na minha época não havia nutrição, musculação, uma série de matérias que hoje são obrigatórias no curso de Educação Física, isso acabou favorecendo um enriquecimento pessoal e um enriquecimento no trabalho com os meninos.	15. Havia técnicos recém-formados, havendo o enriquecimento pessoal e no trabalho com os meninos.
16 Foi uma época que a gente conseguiu promover alguns eventos de âmbito interno, que foram muito interessantes, havia uma relação grande com a Secretaria da Criança, que acabou fazendo alguns trabalhos em conjunto com a gente.	16. Se promoveu eventos de âmbito interno, existia uma relação com a Secretaria da Criança, que fez alguns trabalhos em conjunto.
17 ... é difícil falar dessa época como completamente negativa ou completamente positiva, teve tanto aspectos positivos quanto aspectos negativos, né. Como eu já coloquei, eu acho que isso faz parte mesmo do processo.	17. Existiu aspectos positivos e negativos.
18 ... é uma época que eu lembro com saudade, principalmente no que se refere no início dessa fase, né, que foi uma época em que a gente conseguia ver estampado no rosto dos alunos, né, o interesse pela pratica da Educação Física, em conhecer coisas novas nas diversas modalidades em que a gente trabalhava na época, me lembro bem do atletismo, quando a gente começou a trabalhar com salto em altura, então a	18. Os alunos tinham interesse pela Educação Física.

molecada a princípio ficou meio retraída, mas que depois foi se soltando.	
19 ... foi uma época boa em alguns aspectos como eu já frisei e ruim em outros.	19. Foi uma época boa em alguns aspectos e ruim em outros.
20 ... infelizmente eu acho que, por outro lado, também não foi dado um tempo suficiente, para que esse trabalho pudesse mostrar resultados.	20. Não foi dado tempo suficiente para o trabalho mostrar resultados.
21A FEBEM vive essa realidade de instabilidade, por ser um órgão em que a política partidária acaba se refletindo diretamente aqui, existe todo um fisiologismo, né, uma colocação de pessoas de confiança, às vezes nem tanto por capacidade técnica, mas por conhecimentos, né, por QIs, né, que a gente chama assim entre aspas; e a questão de mudança de governo a cada quatro anos, né, geralmente mudam os partidos quando se troca o governo e aí muda a mentalidade, muda a prioridade, claro que nem todo governador prioriza o mesmo campo, uns priorizam mais a saúde, outros priorizam mais a educação, outros priorizam mais a habitação, e a gente sente reflexo aqui na pele, no dia-a-dia.	21. A política partidária se reflete na FEBEM, existe um fisiologismo, colocação de pessoas de confiança, não por capacidade técnica, mas por indicações.
22 ... esse tipo de trabalho que é tão atrativo pros meninos, porque atividade física pra eles é uma coisa que desde a época em que eu entrei aqui passando por 92 a 94, que é a época que a gente tá se remetendo, até os dias de hoje, é uma atividade que causa grande impacto pra eles, que é a atividade pela qual eles tem mais interesse, eles talvez, por estarem num regime de contenção de liberdade, com certeza necessitam desse espaço, pra poder se manifestar corporalmente, se libertar um pouco, até em âmbito psicológico.	22. Os meninos têm mais interesse na atividade física, necessitam desse espaço para se manifestar corporalmente, se libertar em âmbito psicológico.

23 Eu particularmente vejo com saudade essa época de 92 a 94, porque foi uma época que sem dúvida, em certa medida, a gente pôde dizer que houve um investimento na nossa área, no nosso campo que é a área de Educação Física, até mesmo pelo o número de profissionais que foram colocados já aqui nessa explanação, que sem dúvida faziam um trabalho de uma qualidade técnica muito melhor, né, do que a gente pode fazer hoje, tanto em números, na forma de trabalhar.

23. Na época de 92 a 94 houve investimento na área de Educação Física, pelo número de profissionais que foram contratados..

REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA II

REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA II	UNIDADES TRANSFORMADAS
1-9 - 14 - 15 - 17 - 19 - 20 - 23	1. A proposta era válida, o período de 1992 a 1994 foi positivo em alguns aspectos e ruins em outros. Houve contratação de professores de Educação Física, mas faltou incentivo na preparação e atualização profissional. A proposta não vingou por questões burocráticas e pelo tempo que não foi suficiente para o trabalho mostrar resultados.
2 - 18 - 22	2. Os adolescentes têm interesse e necessidade da atividade física, a Educação Física através de suas atividades se contrapõe ao que se é esperado pela FEBEM.
3 - 10 - 12 - 13	3. No período de 92 a 94, a tentativa de abertura rápida, e a amplitude do trabalho dos educadores, não foi entendida pelos adolescentes.
4	4. Não se encontrou uma forma de melhorar o desenvolvimento dos adolescentes em suas condições psicomotoras e de pessoa.
5 - 8	5. Os juízes da Vara da Infância e Juventude não permitem que os adolescentes participem de atividades fora da FEBEM.
6 - 11	6. O profissional de Educação Física desmotiva-se por estar limitado às atividades desenvolvidas somente nos espaços internos do Complexo Quadrilátero.
7 - 16	7. A Secretaria da Criança fez alguns trabalhos em conjunto, foram realizados alguns eventos internos e foi positiva a possibilidade de trazer o

	pessoal da comunidade para jogar.
21	8. A política partidária se reflete na FEBEM, colocação de pessoas, não por capacidade técnica, mas por indicações.

ANÁLISE IDEOGRÁFICA DO SUJEITO 3

A proposta era válida, o período de 1992 a 1994 foi positivo em alguns aspectos e ruins em outros. A tentativa de abertura rápida e a amplitude do trabalho dos educadores não foi entendida pelos internos. Não se encontrou uma forma de melhorar o desenvolvimento dos meninos em suas condições psicomotoras e de pessoa. A proposta não vingou por questões burocráticas e pelo tempo que não foi suficiente para o trabalho mostrar resultados.

4.4 QUADRO DAS SÍNTESES DAS UNIDADES TRANSFORMADAS

UNIDADES TRANSFORMADAS SUJ. 1	UNIDADES TRANSFORMADAS SUJ. 2	UNIDADES TRANSFORMADAS SUJ. 3	SÍNTESES DAS UNIDADES TRANSFORMADAS
2. Cada Unidade era um caso, desenvolvia seus planejamentos conforme suas características e necessidades.	1. A proposta de Educação Física no período de 92 a 94 era educacional.	1. A proposta era válida, o período de 1992 a 1994 foi positivo em alguns aspectos e ruins em outros. Houve contratação de professores de Educação Física, mas faltou incentivo na preparação e atualização profissional. A proposta não vingou por questões burocráticas e pelo tempo que não foi suficiente para o trabalho mostrar resultados.	QUANTO AO PLANEJAMENTO E EFETIVAÇÃO DA PROPOSTA
6. Os projetos se perdiam.	10. Existiam teorias elaboradas em papéis, mas não foram executadas a contento.		
////////////////////////////////////	////////////////////////////////////	////////////////////////////////////	////////////////////////////////////
4. A cultura esportiva na Fundação era a do futebol, era complicado desenvolver uma proposta pedagógica diferenciada.	3. Aconteceram mudanças abruptas, sem a preparação do corpo docente ou orientação dos novos funcionários que entraram na FEBEM.	3. No período de 92 a 94, a tentativa de abertura rápida, e a amplitude do trabalho dos educadores, não foi entendida pelos adolescentes.	QUANTO ÀS MUDANÇAS E CONFLITOS
	6. O período de 92		

	a 94 foi de confusão, a liberdade excessiva dada aos meninos e meninas, originou um descontrole.		
	4. A Educação Física passou a ser recreativa, não seguindo o que havia sido implantado anteriormente, as competições foram deixadas de lado.		
////////////////////////////////////	////////////////////////////////////	////////////////////////////////////	////////////////////////////////////
7. O único material didático existente era a bola, não era permitido a improvisação de materiais estranhos que poderiam ser transformados em armas.	7. Nesse período o trabalho dos professores não estava surtindo efeito.	5. Os juízes da Vara da Infância e Juventude não permitem que os adolescentes participem de atividades fora da FEBEM.	QUANTO À LIMITAÇÃO DOS PROFESSORES E ADOLESCENTES INTERNADOS
9. A atividade era desenvolvida na quadra, que era utilizada para outras atividades da Unidade Educacional.		6. O profissional de Educação Física desmotiva-se por estar limitado às atividades desenvolvidas somente nos espaços internos do Complexo Quadrilátero.	
8. Impossibilidade de se desenvolver atividades em Unidades do circuito fechado e outros setores da FEBEM, por causa	8. Cada pessoa que entra na FEBEM, a faz da sua maneira.	8. A política partidária se reflete na FEBEM, colocação de pessoas, não por capacidade técnica, mas por indicações.	QUANTO À INTERFERÊNCIA FUNCIONAL E POLÍTICA

da interferência do quadro funcional.			
3. Existia uma proposta pedagógica concreta e global no papel, para mostrar a razão da existência da Educação Física, mas era difícil de se por em prática, devido a interesses políticos, fatores internos e aos adolescentes.	9. A FEBEM é um órgão político e não técnico, que atrapalha qualquer trabalho, tira-se pessoas que desenvolve propostas educacionais e coloca-se outro que veio da política.		
10. A ficha de relação de atividades não era verdadeira, os profissionais atuavam nestas Unidades por imposição da coordenação.			
////////////////////	////////////////////	////////////////////	////////////////////
1. Nunca houve definição do que fazer na proposta de Educação Física na FEBEM.	2. A Educação Física ficou em segundo plano na época da Secretária Alda Marco Antônio, não houve avanço pedagógico.	4. Não se encontrou uma forma de melhorar o desenvolvimento dos adolescentes em suas condições psicomotoras e de pessoa.	QUANTO ÀS REFLEXÕES
5. A escolinha de futebol foi um trabalho desenvolvido com critérios e metodologias.	5. As propostas recreativas não deram certo.	2. Os adolescentes têm interesse e necessidade da atividade física, a Educação Física através de suas atividades se contrapõe ao que se é esperado pela FEBEM.	

		7. A Secretaria da Criança fez alguns trabalhos em conjunto, foram realizados alguns eventos internos e foi positiva a possibilidade de trazer o pessoal da comunidade para jogar.	
--	--	---	--

5. ANÁLISE DAS SÍNTESES DAS UNIDADES TRANSFORMADAS

Não busquei explicar o fenômeno através das Sínteses das Unidades Transformadas, mas clareá-lo através dos olhares dos três sujeitos que fizeram parte do fenômeno. Após o levantamento das Unidades de Significados, Reduções Fenomenológicas e Unidades Transformadas de cada sujeito da pesquisa, cheguei a cinco Sínteses de Unidades Transformadas: Planejamento e Efetivação da Proposta, Mudanças e Conflitos, Limitação dos Professores e Adolescentes, Interferência Funcional e Política e Reflexões.

Esta etapa representa o encontro das convergências, divergências e idiossincrasias presentes nos discursos dos três sujeitos entrevistados. As cinco Sínteses das Unidades Transformadas estão em interação.

Ao analisar as Sínteses das Unidades Transformadas, não permaneci somente como pesquisador, mas também como professor que atuou na FEBEM/SP no período de 1992 a 1994, portanto, a linguagem dos sujeitos não me são estranhas.

5.1 PLANEJAMENTO E EFETIVAÇÃO DA PROPOSTA

Os sujeitos em seus discursos referem-se ao desenvolvimento da proposta de Educação Física no período de 1992 a 1994, estas referências levaram a estruturação da Síntese das Unidades Transformadas chamada Planejamento e Efetivação.

As Unidades Educacionais apresentavam características distintas em relação aos adolescentes internados. Isto fazia com que as Unidades Educacionais fossem mais ou

menos rígidas na vigilância e normas disciplinares, o que dependeria da idade e infrações cometidas pelos adolescentes: “*Cada Unidade era um caso, desenvolvia seus planejamentos conforme suas características e necessidades*”. (suj 1, nº 2)

O mais importante para Unidade Educacional, não era o tipo de atividade desenvolvida ou a relevância desta para o adolescente, mas a preocupação era não romper com a rotina e disciplina, ou seja, não desestabilizar a ordem vigente.

A proposta de Educação Física era considerada educacional: “ *A proposta de Educação Física no período de 92 a 94 era educacional*” (suj. 2, nº 1). O sentido de uma Educação Física educacional na FEBEM/SP é ambíguo.

Os idealizadores da proposta de 1992 consideravam que a Educação Física teria um papel libertador, que deveria romper com as condutas disciplinares impostas nas Unidades Educacionais e assegurar os direitos dos adolescentes previstos no ECA. Após a rebelião de 1992, os diretores e funcionários das Unidades Educacionais esperavam que as aulas de Educação Física voltassem a ser como anteriormente, auxiliando no preenchimento do tempo ocioso dos adolescentes internados, na visão dos funcionários das Unidades Educacionais, isto era uma proposta educacional.

Portanto, neste período o termo educacional na FEBEM/SP não se referia somente ao desenvolvimento educacional do adolescente, mas também a manutenção da ordem, o adolescente com as aulas de Educação Física não teria tempo para pensar sobre sua situação de interno, o que evitaria as tentativas de fugas ou rebeliões. O objetivo da Unidade Educacional era levar os adolescentes ao conformismo e aceitação da sua situação. A Educação Física por sua vez, mostrou-se adaptável aos dois momentos, sendo maleável e submissa as mudanças.

A burocracia foi um entrave para o desenvolvimento da proposta de Educação Física: “ *A proposta era válida, o período de 1992 a 1994 foi positivo em alguns aspectos e ruins em outros. Houve contratação de professores de Educação Física, mas faltou incentivo na preparação e atualização profissional. A proposta não vingou por questões burocráticas e pelo tempo que não foi suficiente para o trabalho mostrar*

resultados” (subj. 3, nº 1). A burocracia não interferia somente na Educação Física, mas todos os setores da FEBEM/SP. Isto fazia parte da história da Fundação, mesmo porque está ligada ao governo do Estado de São Paulo, dependendo de autorizações e respondendo ao Governador, ao Secretário, aos Juízes e membros do Conselho Estadual do Bem-Estar do Menor.

A estrutura administrativa apresentava problemas, por existirem muitos setores dependendo um do outro para se conseguir o aval de propostas e projetos, por vezes os documentos ficavam parados ou eram engavetados em algum setor.

Os professores e funcionários mais antigos não mencionaram o desenvolvimento de treinamentos profissionais nas décadas de 70 e 80. No período de 1993 a 1994, foram desenvolvidos treinamentos para professores e funcionários da FEBEM/SP. Em 1993, foi criada uma equipe multidisciplinar da DT-4, composta por professores, psicólogos e pedagogos lotados nas Unidades de Desenvolvimento do Menor - UDMs. Esta equipe desenvolveu treinamentos com professores e funcionários das Unidades responsáveis pelo abrigo de crianças abandonadas, alguns profissionais do Complexo Quadrilátero participaram do treinamento. Mas, a equipe foi desestruturada por determinação da presidência da FEBEM/SP, justificando que tais profissionais foram contratados com o propósito de desenvolver atividades com os adolescentes.

No ano de 1994, a UDM-3 promoveu cursos de reciclagem para professores e funcionários, sendo os responsáveis, profissionais de renome convidados para ministrarem as aulas. Os cursos deveriam auxiliar no desenvolvimento das atividades diárias, contudo, os assuntos abordados não estavam voltados para a realidade da FEBEM/SP, por isso foram severamente criticados por parte dos professores e funcionários participantes. Após os cursos os funcionários continuaram atuando nas Unidades Educacionais como antes, ou seja, sem o acompanhamento dos trabalhos desenvolvidos. O treinamento e acompanhamento profissional não eram prioritários para os dirigentes da FEBEM/SP, os profissionais deveriam resolver seus problemas através da experiência adquirida no dia-a-dia institucional.

As mudanças na Educação Física aconteceram junto com as mudanças ocorridas na Fundação. Todas essas mudanças duraram pouco tempo e foram encerradas após a rebelião de 1992, mas essa fase foi de grande significado, por representar um período em que se assumiu os sérios problemas existentes na FEBEM/SP.

A Proposta de Educação Física de 1992, previa a elaboração de novos projetos, mas as experiências adquiridas com projetos anteriores foram deixadas de lado: “*Os projetos se perdiam*”(suj. 1, nº 6). Quando era implantado um novo projeto, o anterior era abandonado e com ele seus resultados, os quais eram de grande importância, pois através das experiências, mesmo que negativas, poderiam ser utilizados na reestruturação e elaboração de outros projetos.

Foram elaborados teoricamente vários projetos de atendimento aos adolescentes, mas na prática não foram implantados ou não alcançaram os objetivos previstos: “*Existiam teorias elaboradas em papéis, mas não foram executadas a contento*”. (suj. 2, nº 10)

5.2 MUDANÇAS E CONFLITOS

Os sujeitos consideram que, com as alterações ocorridas em 1992, surgiram na FEBEM/SP problemas de ordem funcional e estrutural, isto levou à Síntese de Unidades Transformadas chamada Mudanças e Conflitos.

A UDM-3, responsável pela Educação Física na FEBEM/SP, em 1992 inovou no atendimento e, como as outras Unidades de Desenvolvimento do Menor, enfrentou problemas.

Os professores que vinham atuando na FEBEM/SP não foram preparados para as rápidas alterações que ocorreram na Fundação: “*Aconteceram mudanças abruptas,*

sem a preparação do corpo docente ou orientação dos novos funcionários que entraram na FEBEM". (suj.2, nº 3)

Os professores mais antigos da FEBEM/SP foram considerados ociosos, as mudanças nas atividades dependeriam dos professores recém-contratados em 1992. Estas mudanças resultaram na insatisfação dos professores que atuavam no Quadrilátero, afinal, não eram responsáveis pelo estado que se encontrava a UDM-3. Os professores que assumiram a coordenação da UDM-3 marginalizaram os antigos professores.

"...eu ficava mais ou menos de lado, eu não me completava nessa ocasião, eu achava que como ela foi truncada, a Educação Física, aquelas competições que vinham ocorrendo anteriormente, elas foram deixadas de lado, eu também fui mais ou menos ficando de lado." (suj. 2)

No ano de 1992, ocorreram mudanças jamais vistas na história da FEBEM/SP: *"O período de 92 a 94 foi de confusão, a liberdade excessiva dada aos meninos e meninas, originou um descontrole"* (suj.2, nº 6). O descontrole dos adolescentes não era esperado.

Os adolescentes foram marcados pelo passado de disciplina rígida e, com as mudanças em 1992, consideraram que não seriam mais punidos, o que os levou a entrarem em choque com os funcionários que já não tinham o controle da situação. Mas o conflito também foi estimulado pelos funcionários que viam em uma possível rebelião a forma de se retomar o antigo regime e, com ele, garantir o controle e respeito dos adolescentes.

As normas de segurança das Unidades Educacionais deixaram de existir, os adolescentes não foram preparados e se viram livres para transitar no Complexo

Quadrilátero. *“No período de 92 a 94, a tentativa de abertura rápida e amplitude do trabalho dos educadores não foi entendida pelos adolescentes”*. (suj.3, nº 3)

Os professores de Educação Física tiveram problemas ao mudarem as atividades: *“A cultura esportiva na Fundação era a do futebol, era complicado desenvolver uma proposta pedagógica diferenciada”*. (suj.1, nº 4)

O futebol despertava o interesse da maioria dos adolescentes e funcionários, tal interesse levava-os a se estruturar em equipes compostas por adolescentes e funcionários como jogadores e técnicos. A proposta de Educação Física implantada em 1992 deixou o futebol de lado, para os adolescentes, deixar o futebol fora de suas atividades, não era visto com bons olhos. Os adolescentes participavam das atividades oferecidas por algum tempo, mas reivindicavam o futebol.

A Educação Física deixou de priorizar o esporte ou rendimento esportivo e passou a utilizar em suas atividades a dança, recreação, esportes adaptados, entre outros. Tais atividades foram denominadas como recreativas, esta forma de atendimento foi justificada como educacional: *“A Educação Física passou a ser recreativa, não seguindo o que havia sido implantado anteriormente, as competições foram deixadas de lado”*. (suj.2, nº 4)

O esporte não foi deixado totalmente de lado, mas para ser desenvolvida uma modalidade esportiva o adolescente deveria passar pela iniciação e aprendizado esportivo.

5.3 LIMITAÇÃO DOS PROFESSORES E ADOLESCENTES

Os sujeitos apontam para fatores que limitavam suas atuações e a participação do adolescentes em atividades, estes apontamentos geraram a Síntese de Unidades Transformadas chamada Limitação dos Professores e Adolescentes.

A limitação dos adolescentes e professores foi agravada após a rebelião de outubro de 1992, com o retorno dos adolescentes as Unidades Educacionais, a vigilância foi redobrada. Por tais circunstâncias, as atividades estavam limitadas aos espaços das Unidades Educacionais. *“A atividade era desenvolvida na quadra, também utilizada para outras atividades da Unidade Educacional”*. (subj. 1, nº 9)

A proibição da saída dos adolescentes do Complexo Quadrilátero era uma decisão judicial previsto no artigo 121 do ECA, devendo ser acatada pelos Diretores das Unidades Educacionais. *“Os juízes da Vara da Infância e Juventude não permitem que os meninos participem de atividades fora da FEBEM”*. (subj. 3, nº 5)

Esta decisão afetava a Educação Física, que tinha como um de seus objetivos estimular os adolescentes à vida em sociedade, através dos eventos que trariam a comunidade até a FEBEM/SP, e que posteriormente levaria os adolescentes a comunidade.

A limitação dos adolescentes às Unidades Educacionais, gerou o descontentamento e insatisfação dos professores, que viram-se limitados como os adolescentes. *“O profissional de Educação Física desmotiva-se por estar limitado às atividades desenvolvidas somente nos espaços internos do Complexo Quadrilátero”*. (subj. 3, nº 6)

As incertezas e impossibilidades decorrente da limitação dos internos e conseqüentemente dos professores foram amenizadas, no decorrer do ano de 1993, com a permissão do uso dos espaços poli-esportivos do Quadrilátero e da saída dos adolescentes das Unidades Educacionais de baixa e média contenção para atividades externas, sendo mantida a proibição judicial da saída de adolescentes das Unidades Educacionais de alta contenção. O receio dos Juízes da Vara da Infância e Juventude e diretores de Unidades Educacionais justificava-se por terem ocorrido fugas de adolescentes que estavam em atividades externas.

O sujeito 2 mostra sua insatisfação pelas mudanças, que não representaram melhorias: *“Nesse período o trabalho dos professores não estava surtindo efeito”*. (suj. 2, nº 7)

Haviam outros fatores que limitavam a atuação dos professores de Educação Física, um deles era a falta de material para o desenvolvimento das atividades: *“O único material didático existente era a bola, não era permitido a improvisação de materiais estranhos, que poderiam ser transformados em arma”*. (suj. 1, nº 7)

A improvisação de equipamentos pedagógicos não era permitida pela direção das Unidades Educacionais, por acreditarem que qualquer material estranho em posse dos adolescentes poderia ser transformado em arma ou equipamento para fuga e possíveis rebeliões. Os professores tinham que utilizar os materiais disponíveis na UDM-3 e Unidades Educacionais, ou improvisar atividades que não necessitassem de materiais. Quando era permitido o uso de materiais improvisados nas aulas de Educação Física, os professores responsabilizavam-se pelo material utilizado, assumiam o compromisso de vigiar os alunos e seu material.

5.4 INTERFERÊNCIA FUNCIONAL E POLÍTICA

No período pós-rebelião, a proposta de Educação Física implantada em 1992 deparou-se com os interesses dos funcionários e com a luta pelo poder na FEBEM/SP, o que refletia na atuação do professor, a partir destas indicações surgiu a Síntese de Unidades Transformadas Interferência Funcional e Política.

Os funcionários das Unidades Educacionais, dentre os quais destaco os monitores que controlavam a situação, foram os principais responsáveis pelas interferências nas aulas de Educação Física. Como já foi discutido, os funcionários consideravam que as aulas deveriam seguir as normas estabelecidas e atender as necessidades e interesses da

Unidade Educacional, em alguns casos não era possível propor ou desenvolver atividades. *“Impossibilidade de se desenvolver atividades em Unidades do circuito fechado e outros setores da FEBEM por causa da interferência do quadro funcional”*. (subj. 1, nº 8)

A direção da UDM-3 tinha conhecimento destes problemas, mas se manteve neutra, a maior preocupação da direção era manter os professores atendendo as Unidades Educacionais, mesmo que a atuação do profissional fosse prejudicada.

Os professores deveriam relatar suas atividades em fichas de relação de atividades: *“A ficha de relação de atividades não era verdadeira, os profissionais atuavam nestas Unidades por imposição da coordenação”*. (subj. 1, nº 10)

A manipulação da ficha de relação de atividades expressa o que a UDM-3 e as Unidades Educacionais esperavam dos professores de Educação Física. O professor estava impossibilitado de ministrar aulas, mas permanecia na Unidade Educacional, somente para cumprir o que era previsto pelo ECA. Os professores como não podiam contestar as determinações, apresentavam fichas de atividades manipuladas.

A Educação Física era considerada importante pela presidência e outros setores da FEBEM/SP. Mas a coordenação e a direção da UDM-3 acreditavam que ao justificar teoricamente a proposta, a atuação dos professores teria maior credibilidade: *“Existia uma proposta pedagógica concreta e global no papel, para mostrar a razão da existência da Educação Física, mas era difícil de se por em prática, devido a interesses políticos, fatores internos e aos adolescentes”*. (subj. 1, nº 3)

A proposta foi incorporada aos discursos dos coordenadores e direção da UDM-3, na prática não aconteceu conforme o previsto. A proposta deveria ser global e nortear todas as atividades desenvolvidas, mas como já foi mencionado, as Unidades Educacionais apresentavam características distintas, o que impossibilitava o desenvolvimento de uma proposta única.

A FEBEM/SP, por ser ligada a Secretária da Criança, Família e Bem-Estar Social e seu Secretário respondendo diretamente ao Governo do Estado de São Paulo, sofria

interferência política. Quando acontece a transição de uma gestão de Governo, é composta uma nova equipe pelo novo Governador. A FEBEM/SP, sendo um órgão governamental, sofre mudanças, os cargos mais importantes dentro da Fundação são destinados as pessoas de confiança do Governador e do Secretário nomeado. *“A FEBEM é um órgão político e não técnico, que atrapalha qualquer trabalho, tira-se pessoas que desenvolvem propostas educacionais e coloca-se outro que veio da política”*. (suj. 2, nº 09)

Os trabalhos que estavam em andamento foram abandonados e outros foram implantados: *“Cada pessoa que entra na FEBEM, a faz da sua maneira”*. (suj. 2, nº 8)

Após a transição de governo de 1994, os funcionários que vinham atuando foram afastados, pessoas que não conheciam a estrutura da FEBEM/SP foram indicadas para cargos de confiança. *“A política partidária se reflete na FEBEM, colocação de pessoas, não por capacidade técnica, mas por indicações”*. (suj. 3, nº 8)

A FEBEM/SP não é o único órgão governamental que sofre com a interferência política, mas o que agrava sua situação são as transições e mudanças rápidas que ocorrem. Num momento os funcionários seguem diretrizes com objetivos pré-determinados, no outro tudo é cancelado, voltando novamente a elaboração de outras propostas e com outras pessoas coordenando, os funcionários, por sua vez, ficam estagnados em meio a disputa pelo poder.

5.5 REFLEXÕES

As idiossincrasias dos três sujeitos sobre a proposta de Educação Física, no período de 1992 a 1994, levaram a formulação da Síntese das Unidades Transformadas chamada Reflexões.

O período de 1992 a 1994 foi marcado pela busca de práticas que auxiliassem a atuação dos professores, mas que não foram esclarecidas: *“Nunca houve definição do que fazer na proposta de Educação Física na FEBEM”*. (suj. 1, nº 1)

As atividades propostas e desenvolvidas não melhoraram o atendimento e a situação dos adolescentes. *“Não se encontrou uma forma de melhorar o desenvolvimento dos adolescentes em suas condições psicomotoras e de pessoa”*. (suj.3, nº 4)

Não valorizar o esporte nas aulas de Educação Física, durante a gestão da Secretaria Alda Marco Antônio, significou para o sujeito 2 que a Educação Física ficou em segundo plano. *“A Educação Física ficou em segundo plano na época da Secretária Alda Marco Antônio, não houve avanço pedagógico”*. (Suj.2, nº 2)

A mudança na abordagem pedagógica nas aulas de Educação Física era um dos objetivos da proposta de 1992. As atividades desenvolvidas a partir das novas mudanças não obtiveram sucesso: *“As propostas recreativas não deram certo”*. (suj. 2, nº 5)

Este período representou para a UDM-3 a oportunidade de desenvolver trabalhos conjuntos com a Secretaria da Criança, Família e Bem-Estar Social e outras entidades, o que possibilitou a troca de informações e ampliação do trabalho: *“A Secretaria da Criança fez alguns trabalhos em conjunto, foram realizados alguns eventos internos e foi positiva a possibilidade de trazer o pessoal da comunidade para jogar”*. (suj. 3, nº 7)

A criação da escola de treinamento no primeiro semestre de 1994 foi a experiência com melhor resultado no período de 1992 a 1994, os professores responsáveis pela escola de futebol desenvolveram e seguiram um planejamento para a implantação e desenvolvimento de atividades, já que conheciam a realidade das Unidades Educacionais: *“A escolinha de futebol foi um trabalho desenvolvido com critérios e metodologias”*. (subj. 1, nº 5)

A escola de futebol possibilitou primeiro a saída dos adolescentes das Unidades Educacionais de baixa e média contenção. Posteriormente, foi autorizada a participação dos adolescentes internados nas Unidades Educacionais de alta contenção. A saída dos adolescentes das Unidades de alta contenção foi um processo demorado, que exigiu dedicação dos professores e coordenadores.

A presidência FEBEM/SP incentivou a criação da escola de futebol e tinha como objetivo a repercussão positiva na mídia. Com o início da escola de futebol e criação das primeiras equipes, foram organizados jogos amistosos com a comunidade e, posteriormente, com os clubes de futebol. Para estes eventos eram convidados jornalistas, celebridades esportivas e os principais funcionários da FEBEM/SP e Secretaria da Criança, Família e Bem-Estar Social. A escola de futebol foi criada com interesses políticos, isto não tira o mérito dos resultados alcançados pelos professores e adolescentes da escola de futebol.

A escola de futebol teve o mesmo destino das propostas e projetos desenvolvidos anteriormente, foi finalizada na transição do governo estadual 1994-1995, quando novamente foram feitas mudanças na Secretaria da Criança Família e Bem-Estar Social e na Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor.

As aulas de Educação Física eram importantes para os adolescentes internados, os professores e adolescentes mantinham um bom relacionamento: *“Os adolescentes têm interesse e necessidade da atividade física, a Educação Física através de suas atividades se contrapõe ao que se é esperado pela FEBEM”*. (subj. 3, nº 2)

A Educação Física para os adolescentes internados representava o momento em que parte do mundo da prisão desaparecia. A restrição a liberdade era lembrada a todo instante pelo espaço físico da Unidade Educacional (muros altos, janelas com grades e um pequeno pátio), mas nas aulas de Educação Física estas limitações deixavam de existir.

No período de 1992 a 1994 aconteceram mudanças inovadoras, mas que tiveram um curto tempo. A Educação Física ousou, muitos dos seus projetos não atingiram os objetivos esperados, no entanto, outros projetos tiveram bons resultados, o maior problema foi o tempo de dois anos, que é metade de uma gestão política do Governador do Estado.

A proposta de Educação Física desenvolvida no período de 1992 a 1994 rompeu com uma prática estruturada na década 70 e que resistiu até a década de 90. Em 1992, a proposta apresentada pela UDM-3 abandonou 17 anos de prática esportiva.

O que prejudicou o desenvolvimento da proposta de Educação Física de 1992 a 1994 foi considerar que apenas dois anos bastariam, para que os novos professores mudassem a forma de atendimento na FEBEM/SP.

A falta de tempo hábil para assimilação e aquisição de experiência das atividades desenvolvidas, prejudicou a atuação dos professores. Somente com a avaliação dos resultados anteriores e experiência dos antigos professores, seria possível a estruturação de uma nova proposta.

CONCLUSÃO

O período de 1992 a 1994 foi marcado pela transição da FEBEM/SP, em que o novo e o velho chocaram-se. As mudanças neste período foram confusas e desgastantes para todos.

O desenvolvimento da proposta de Educação Física de 1992 a 1994, sofreu muitas interferências que a inviabilizou. Contudo, a Educação Física mostrou-se adaptável as mudanças de diretrizes da FEBEM/SP, os profissionais que assumiram a direção da UDM-3 concordaram em seguir as determinações da FEBEM/SP. A UDM-3 passou por duas fases que destacam esta adaptação. Com as mudanças, os diretores da UDM-3 agiram conforme as determinações das Secretárias Alda Marco Antônio e Rosmary Corrêa.

A Educação Física no período de 1992 a 1994, como desde seu surgimento na FEBEM/SP, atendeu as expectativas dos diretores e funcionários das Unidades Educacionais, preenchendo o tempo ocioso e auxiliando na aceitação do adolescente a internação.

Em relação aos professores de Educação Física, nota-se que a estrutura da FEBEM/SP leva o profissional ao descontentamento.

“...a única coisa que eu considero dentro da FEBEM, que pode magoar qualquer futuro candidato a professor dentro de uma Fundação que nem FEBEM, é que a pessoa precisa ser muito desprendida assim do seu eu, para participar e não esperar resultado de carreira, não esperar resultado nenhum na função de professor de Educação Física, aliás dentro da parte espiritual eu me considero realizado, dentro da parte espiritual né, pela FEBEM eu me considero realizado dentro da parte de carreira, de Funcionário não, eu sempre fui marginalizado como são marginalizados os meninos, né, os meninos são totalmente marginalizados.” (suj. 2)

A Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor de São Paulo - FEBEM/SP, segundo a visão dos sujeitos, é uma instituição que impossibilita a qualquer proposta obter resultados positivos.

A FEBEM/SP por estar vinculada ao governo estadual, não dá continuidade as propostas com bons resultados, nas transições dos governos, as propostas são extintas, por não terem afinidades ideológicas. Os adolescentes que estão em condições miseráveis, tornam-se matéria-prima para as realizações políticas e propaganda partidária, por esse motivo a necessidade de se implantar outras propostas, expondo ao povo que será feito algo inovador.

A falta de autonomia da Educação Física na FEBEM/SP contribuiu para a limitação da proposta. As propostas educacionais não podem estar atreladas as normas de disciplina da FEBEM/SP, caso contrário, os professores estarão assumindo o papel que é esperado pela fundação, ou seja, mais um vigia dos adolescentes.

Enquanto professor e pesquisador envolvido com o fenômeno, considero que instituições como a FEBEM/SP espelham a miséria da sociedade, servindo como depósitos de adolescentes que não recebem apoio para retornarem a sociedade.

A decadência da FEBEM/SP não foi o único obstáculo enfrentado pelos professores de Educação Física, o desprezo aos antigos professores e o desconhecimento do histórico da Educação Física na FEBEM/SP pelos idealizadores da proposta de 1992 a 1994, contribuíram para que equívocos e erros do passado fossem novamente cometidos.

Não indico soluções ou caminhos a serem seguidos, pois os sujeitos da pesquisa apontam para tais expectativas. Mas, creio que a Educação Física na FEBEM/SP ou em outra instituição que venha substituí-la, deve ser autônoma com objetivos e diretrizes claramente definidos.

Os adolescentes internados na FEBEM/SP não foram citados pelos sujeitos como um problema para o desenvolvimento da proposta de Educação Física. Porém, não se pode esperar que de um momento para outro o adolescente venha ao encontro do

professor no mundo lícito, é preciso, que seja elaborada uma estratégia que possibilite tal aproximação, conforme a realidade, cultura e histórico de vida do adolescente, mas sem desrespeitá-lo.

Devo ressaltar que a proposta de Educação Física desenvolvida na FEBEM/SP de 1992 a 1994, não poderia ser vista como redentora dos erros e falhas sociais. O desenvolvimento de qualquer proposta na FEBEM/SP deve ser composta por diversas áreas do conhecimento e sociedade.

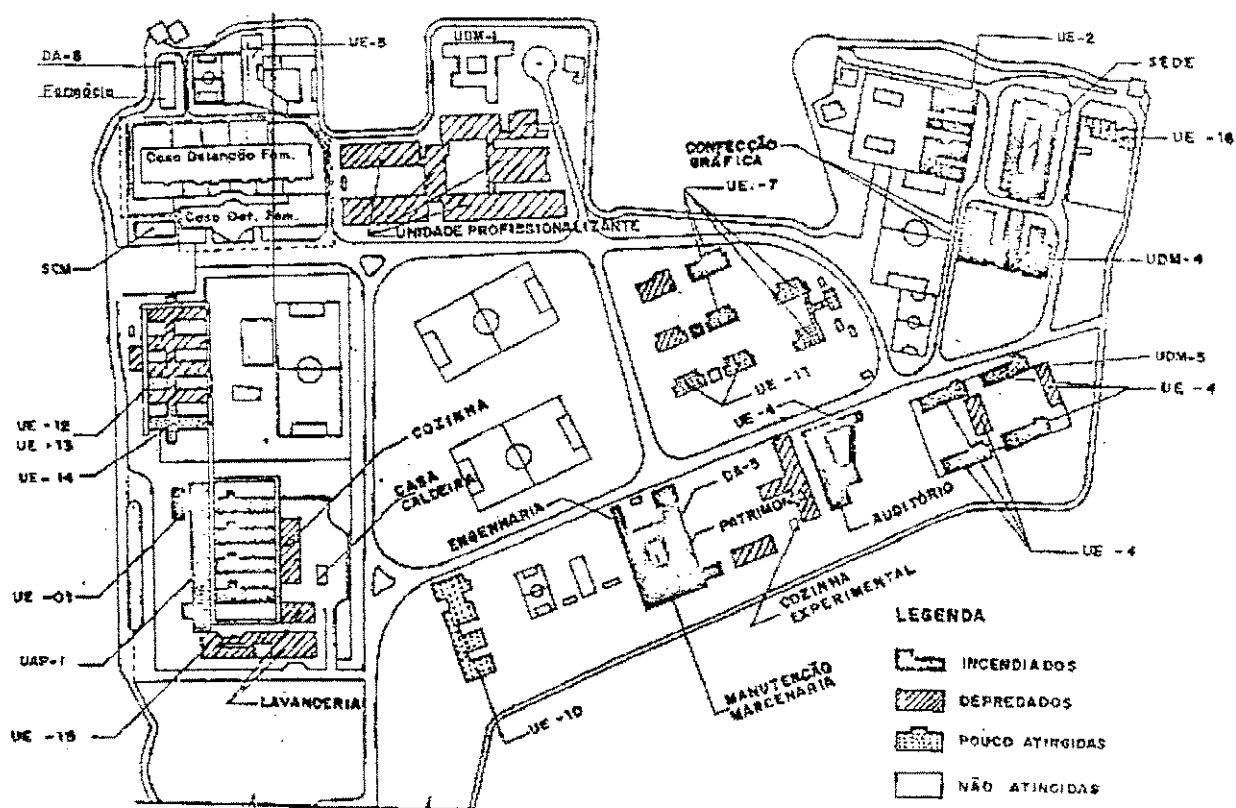
A Educação Física por sua vez, deve ser compreendida como uma prática pedagógica voltada para as necessidades e interesses do grupo. A Educação Física não pode ser uma prestadora de serviços ou atender aos interesses políticos de órgãos governamentais como a FEBEM/SP.

ANEXOS

ANEXO 1

Planta e foto da destruição do Complexo Quadrilátero na rebelião de 1992.

VISTA LATERAL DO QUADRILÁTERO (após a rebelião de outubro de 1992)



Fonte: Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor - FEBEM/SP. Divisão Técnica - 3 / DT-3. São Paulo, 1993.



**ALOJAMENTO DESTRUÍDO NO QUADRILÁTERO DO TATUAPÉ:
DESDE A REBELIÃO DE 1992 À ESPERA DE REFORMAS**

**Fonte: O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, 26 de Janeiro de 1995, p.C1.
Foto: Ari Vicentini/ AE**

ANEXO 2

Quadro sobre o perfil dos adolescentes internados na FEBEM/SP e foto que mostra adolescentes em uma Unidade Educacional.

O PERFIL DOS INTERNOS

Tipo de Infrações	
Roubo	41%
Furtos	35,4%
Homicídio	5,9%
Latrocínio	4%
Tentativa de Homicídio	2,5%
Estupro	2%
Porte ou Uso de Drogas	1,7%
Tráfico de Entorpecentes	1,5%
Outros	6%

Reincidentes - 62,53%

Primários - 37,48%

Faixa Etária dos Internos	
Indeterminado	3,63%
12 a 14 anos	11,34%
18 a 21 anos	15,63%
15 a 17 anos	70,4%

Fonte: LOSANO, André. FEBEM quer despejar 90% dos internos. Folha de São Paulo. São Paulo, 18 de setembro de 1993, p.4-4.



INTERNOS NA UNIDADE EDUCACIONAL DA FEBEM NO TATUAPÉ

**Fonte: FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo, 18 de Setembro de 1993, p.4-4.
Foto: Matuiti Mayezo**

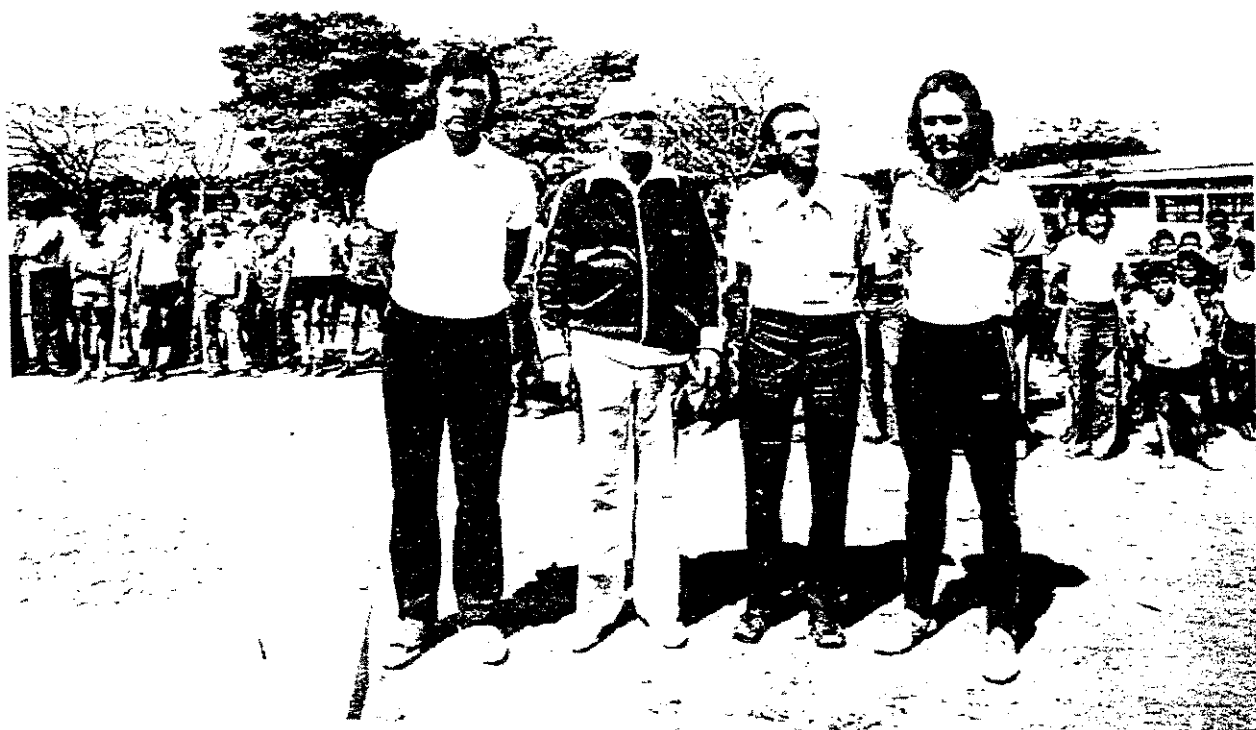
ANEXO 3

Fotos do evento esportivo na Unidade Educacional localizada em Iaras com a participação do professor Guerner.



**CERIMONIA DE ABERTURA DO EVENTO DA UNIDADE
EDUCACIONAL EM IARAS**

**Fonte: Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor. Unidade do
Desenvolvimento do Menor-3 - UDM-3. s.d.**



**Professor Guerner, o segundo da esquerda para direita.
Fonte: Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor. Unidade do
Desenvolvimento do Menor-3 - UDM-3. sd.**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Manoel (Rel.). **CPI do menor**. Brasília: Câmara dos Deputados, 1976.
- ANARUMA, Silvana M. **A sexualidade de meninas institucionalizadas: Uma Realidade em Construção**. Campinas, SP: Faculdade de Educação da Unicamp, 1988. 141p. (Dissertação de Mestrado em Educação).
- ARRUDA, Roldão. FEBEM tem prédios e programas em ruínas. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 26.01.1993. Cidades. p.C1 e C3
- BASÍLIO, Luiz C. **O menor e a ideologia de segurança nacional**. Belo Horizonte: Vega-Novo Espaço, 1985. 86p.
- BIERRENBACH, Maria I., FIGUEIREDO, Cyntia P., SADER, Emir. **Fogo no pavilhão**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. 198p.
- BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Edusp/TA Queiroz, 1987. 402p.
- BUSO, José C. Et. al. **Educação Física infantil: trabalho elaborado para o atendimento de internos**. São Paulo: FEBEM/SP, 1977.
- CEBRAP. **A criança, o adolescente e a cidade: Estudo sociológico sobre a marginalidade e a reintegração social do menor na cidade de São Paulo, dados sobre a FEBEM-SP**, 1972.
- DALLARI, Dalmo de A, KORCZAK, Janusz. **O direito da criança ao respeito**. São Paulo: Summus, 1986. 103p. Vol. 28.
- DORNELLES, João R. W. **O que é crime**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988. 82p. Coleção primeiros passos 207.

EARP, Maria L. S. **O Projeto alunos residentes de CIEPs: Educação e Assistência.** Rio de Janeiro. Faculdade de Educação da PUC-RJ, 1996. 222p.(Dissertação, Mestrado em Educação).

FEBEM tem poucos menores infratores da cidade. **Cruzeiro do Sul.** Sorocaba, 1993, p.07.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir.** Tradução de Lígia M. Ponde Vassalo. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988. 277p.

FUNDAÇÃO ESTADUAL DO BEM-ESTAR DO MENOR - FEBEM/SP. **Estatuto da criança e adolescente.** São Paulo: [s.d.].

_____. Supervisão de Organização e Métodos - SOM. **Organograma da presidência da FEBEM/SP - 1992.** São Paulo, 1992.

_____. Supervisão de Organização e Métodos - SOM. **Organograma da presidência da FEBEM/SP - 1994.** São Paulo, 1994.

_____. Supervisão de Organização e Métodos - SOM. **Organograma da diretoria técnica da FEBEM/SP - 1992.** São Paulo, 1992.

_____. Supervisão de Organização e Métodos - SOM. **Organograma da diretoria técnica da FEBEM/SP - 1993.** São Paulo, 1993.

_____. Supervisão de Organização e Métodos - SOM. **Organograma da diretoria técnica da FEBEM/SP - 1994.** São Paulo, janeiro/1994.

_____. Supervisão de Organização e Métodos - SOM. **Organograma da diretoria técnica da FEBEM/SP - 1994.** São Paulo, dezembro/1994.

_____. **Projeto sócio-educativo e terapêutico: adolescentes em regime de internação.** São Paulo, 1994.

_____. **Unidade de Desenvolvimento do Menor-3 - UDM-3. Proposta de atendimento.** São Paulo, 1993.

FUNDAÇÃO ESTADUAL DO BEM-ESTAR DO MENOR - FEBEM/SP.
Relatório de atividades. São Paulo, dezembro de 1991.

_____. **Relatório de atividades.** São Paulo, dezembro de 1993.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1992. 312p.

HAGUETTE, Tereza M. F. **Metodologias qualitativas:** usos e possibilidades. Kinesis, [s.l.], v.4, n.2, p.141-112, jul./dez. 1988.

HORTA, José S. B. **O hino, o sermão e a ordem do dia:** A Educação no Brasil (1930 - 1945). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994. 295p.

JUNIOR, Paulo F. (org), FARINATI Paulo T. **Pesquisa e produção do conhecimento em Educação Física.** Rio de Janeiro: Ed. Ao Livro Técnico. 1991.150p.

KISCHIMOTO, Tizuko M. **Jogos tradicionais infantis:** O jogo, a criança e a Educação. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes. 1993.127p.

LONDONO, Fernando T. **A origem do conceito menor.** In: PRIORE, Mary D. (Org.) História da criança no Brasil. São Paulo: Editora Contexto, 1991. 175p.

LOZANO. André. FEBEM quer 'despejar' 90% dos internos. **Folha de São Paulo,** São Paulo, 18.09.1993, p.4-4.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria A.P. **A pesquisa qualitativa em psicologia.** São Paulo: Moraes, 1989. 110p.

MOREIRA, Wagner W. **Educação Física escolar:** uma abordagem fenomenológica. Campinas, SP: Unicamp.1991. 200p.

MOREIRA, Wagner W.; IDICO Luiz P.; HEBLING José C. **Futebol evolução:** o humano, a técnica e o espetáculo. Piracicaba, SP: UNIMEP.1992. 95p.

OLIVEIRA, Vitor M. **Consenso e conflito da Educação Física brasileira.** Campinas, SP: Papirus, 1994. 203p.

PASSETTI, Edson. **O Que é menor**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. 67p.
Coleção primeiros passos 152.

_____. **O menor no Brasil Republicano**. In: PRIORE, Mary D. (Org.) História da criança no Brasil. São Paulo: Editora Contexto, 1991. 175p.

PETERS, Eward. **História da tortura**. Lisboa: Teorema, 1985. 232p.

RAMOS, Glauco N. S. **Educação Física licenciatura e/ou bacharelado**. São Paulo: Faculdade de Educação da PUC-SP, 1995. 189p. (Dissertação, Mestrado em Educação: Supervisão e Currículo).

SANTOS, Gildenir C., SILVA Alerte I. P. **Normas para referências bibliográficas: conceitos básicos** (NBR- 6023/ABNT- 1989). Campinas, SP: Faculdade de Educação da UNICAMP, 1995. 30p.

SÃO PAULO. Secretaria da Criança, Família e Bem-Estar Social. **Modelo técnico operacional**, 1994. 410p.

_____. Secretaria da Criança, Família e Bem-Estar Social. **Contagem de crianças e adolescentes em situação de rua na cidade de São Paulo**. 1994. 78p.

VENÂNCIO, Silvana. **Educação Física para portadores de HIV**. Campinas, SP: Faculdade e Educação da Unicamp, 1994. 135p. (Tese, Doutorado em Educação).

VIOLANTE, Maria L. **O dilema do decente malandro**. São Paulo: Editora Cortez, 1984. 196p.